

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-
PUC-SP

NÍDIA VAILATI

CASAIS SEM FILHOS:
As Repercussões Individuais e na Relação Conjugal

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO
2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-
PUC-SP

NÍDIA VAILATI

CASAIS SEM FILHOS:
As Repercussões Individuais e na Relação Conjugal

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Tese apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção
do título de Doutor em Psicologia
Clínica sob a orientação do Profa.
Doutora Rosane Mantilla de Souza

SÃO PAULO

2011

BANCA EXAMINADORA

Agradecimentos

À Professora Dra. Rosane Mantilla de Souza, minha orientadora, que com competência, profissionalismo e, principalmente, com confiança em meu trabalho, muito contribuiu para o meu crescimento e para esta tese;

à Professora Dra. Ceneide Oliveira Cerveny, pelas valiosas opiniões e questionamentos que expressou por ocasião do Exame de Qualificação;

ao Professor Dr. Plínio de Almeida Marciel Junior, pelas sugestões e contribuições apresentadas no momento do Exame de Qualificação;

à Professora e amiga Maria Cecília Astete Salazar, por ter, novamente, se disposto a trilhar mais este caminho comigo;

ao Mauro Mendes Dias, meu analista, que, com seriedade, sensibilidade, disponibilidade e continência, tem me ajudado na ampliação do meu repertório de vida, de sentimentos e pensamentos;

à minha supervisora e amiga de longa data, Claudia Paula Leicand, por confiar no meu trabalho e colaborar no meu crescimento profissional e pessoal;

a meus pais, in memoriam, Carlos e Esmeralda, um agradecimento especial, por tudo que aprendi, por todos os legados recebidos, e por terem sempre me possibilitado conquistas e amparado nas dificuldades;

à minha irmã Esmeralda, pela competente revisão do texto, por suas contribuições a essa tese, por tudo que me ensinou, pelo incentivo, por seu amor e disponibilidade;

à minha irmã Marisa, pelo carinho e apoio;

a meus sobrinhos Anne, Marcelo e Brenno, por me possibilitarem o espaço do cuidar. E a minha “filha”, agradeço o carinho e a lealdade;

às amigas Santuza e Monica, pela disponibilidade com que me ouviram e pelas sugestões e incentivo;

aos amigos Silvia e Lineu, pelo carinho, pela amizade, e por sempre estarem presentes nos momentos difíceis e alegres da minha vida;

aos amigos de consultório Daniela e Rauflin, ao meu cunhado Cadu , aos amigos da faculdade que, direta ou indiretamente, participaram deste meu processo de Doutorado;

aos casais que participaram da pesquisa, por suas valiosas e generosas contribuições;

aos meus pacientes, pela compreensão e pelos ensinamentos que me possibilitam existir como terapeuta;

Ao CAPES que ofereceu subsídios para a realização desta pesquisa;

à Deovânia, pela transcrição das fitas e outras contribuições,

meus agradecimentos.

À minha família e às famílias e casais
que encontrei neste meu percurso, por
todo o saber que me transmitiram e por
me possibilitarem existir como pessoa
e como profissional.

Resumo

A família e o casamento têm sofrido muitas transformações ao longo da história. A família tradicional tem cedido lugar a novas configurações familiares presentes hoje na sociedade. Em vista deste panorama e também da possibilidade de, ao entender o movimento no ciclo vital de casais sem filhos identificar outros desafios específicos da conjugalidade que a não parentalidade, é que delimitamos o objetivo do presente trabalho, a saber: compreender as repercussões da ausência de filhos na relação conjugal. A abordagem metodológica adotada neste trabalho foi a qualitativa e a estratégia metodológica utilizada foi a da história de vida individual e conjugal. Para respondermos ao nosso objetivo, estabelecemos algumas categorias de análise, a saber:

1. A formação do casal
2. As Conseqüências.

Entre todos os membros dos casais entrevistados observamos afirmações de que o fato de não terem filhos deixou-os mais egoístas, individualistas e pouco tolerantes a barulhos de crianças, crenças acerca de si mesmos que podem se referir a características já presentes em sua personalidade. O fato de não terem filhos também os libera para trabalharem mais a individualidade, mostram mais liberdade para fazerem as suas escolhas, tem uma autonomia maior para se dedicarem a outros projetos de vida, como a carreira e o relacionamento. A relação conjugal tem uma funcionalidade capaz de dar conta de situações como desemprego e mudança de área de trabalho sem trazer prejuízos para a relação.

Os casais entrevistados apresentam um nível de diferenciação de ego, que lhes possibilitou viverem com maior clareza e liberdade as suas escolhas tanto conjugais como outras, sem sofrer interferência das famílias de origem.

Palavras Chaves: Casal sem filhos; Conjugalidade; Relação Conjugal

Abstract

Family and marriage have undergone many changes throughout history. The traditional family has given place to new family configurations present in today's society. This scenery and also the possibility of, in understanding the movement in the vital cycle of childless couples, identifying other challenges that are specific to the conjugality other than parentality, have circumscribed the object of this paper, namely: to understand the effects of the absence of children in the marriage relationship. The methodological approach adopted is qualitative and the methodological strategy used is the individual and married life story. In order to reach our objective, we have established a few categories for analysis, namely:

1. How the couple was formed;
2. The Consequences.

Among all the members of the couples interviewed we have observed statements on the fact that not having any children has made them more egotist, individualist and less tolerant to child noises, beliefs about themselves that may well refer to traits already present in their personality. The fact of being childless also liberates them to develop their individuality further, they are freer to make their choices, and they have a larger autonomy to dedicate themselves to other life projects, such as career and relationship. The conjugal relationship has a functionality that is able to cope with situations as unemployment and change in field of work without jeopardizing the relationship.

The couples interviewed present a level of ego differentiation that has enabled them to live their choices, conjugal or other, with a higher degree of clarity and freedom, without suffering the interference of their families of origin.

Key words: couple, conjugality, childless couple

Résumé

La famille et le mariage ont subi de fortes transformations tout au long de l'histoire. La famille traditionnelle s'estompe petit à petit et permet que de nouvelles configurations familiales se produisent à l'heure actuelle au sein de la société. Le but de cette thèse consiste à comprendre les retombées de l'absence d'enfants dans la relation conjugale. L'approche méthodologique a privilégié l'aspect qualitatif et la stratégie méthodologique s'est penchée sur l'histoire de vie individuelle et conjugale. De sorte à répondre à notre objectif, nous avons établi certaines catégories d'analyse, à savoir :

1. La formation du couple
2. Les conséquences.

Les réponses données par tous les membres des couples interviewés se concentrent sur le fait que ne pas avoir eu d'enfants les a rendus plus égoïstes, individualistes et peu tolérants au bruit des enfants, des croyances à leur égard qui peuvent avoir trait à des caractéristiques déjà présentes au niveau de leur personnalité. Le fait de ne pas avoir d'enfants les libère également pour mieux travailler leur individualité, leur permettant d'être plus libres pour faire leurs choix, d'avoir plus d'autonomie pour se consacrer à d'autres projets de vie, comme la carrière et la relation. Le rapport conjugal a une fonctionnalité qui permet de faire face à des situations comme le chômage et le changement de domaine de travail sans porter atteinte à la relation. Les couples interviewés présentent un ego dont le niveau se distingue, leur permettant de vivre leurs choix de façon plus claire et libre en tant que couple et individus, sans subir des interférences des familles d'origine.

Les mots-clé : Couple, relation conjugale, couple sans enfants

Sumário

| | |
|--|----|
| Introdução..... | 1 |
| Capítulo 1 – Casamento, Casal e a Família de Origem..... | 4 |
| 1.1 O Casamento e o Casal..... | 4 |
| 1.2 O Casamento Contemporâneo..... | 5 |
| 1.3 O Casal..... | 9 |
| 1.4 Conjugalidade..... | 16 |
| 1.5 O Papel da Família de Origem..... | 19 |
| Capítulo 2 – Ciclo Vital da Família e do Casal..... | 32 |
| 2.1 Pesquisas acerca do Ciclo de Vida do Casal..... | 38 |
| Capítulo 3 – Método..... | 46 |
| 3.1 Participantes..... | 47 |
| 3.2 Procedimento..... | 48 |
| 3.3 Instrumento..... | 49 |
| Capítulo 4 – Análise dos Resultados..... | 51 |
| Considerações Finais..... | 85 |
| Bibliografia..... | 90 |
| Anexo..... | 97 |
| Linha do Tempo dos Casais..... | 98 |

Introdução

A família e o casamento têm sofrido muitas transformações ao longo da história. A família tradicional tem cedido lugar a novas configurações familiares presentes hoje na sociedade. A família atual pode ser nuclear, monoparental, homoparental, recomposta, gerada artificialmente, sem filhos ou ainda pode apresentar várias outras possibilidades configuracionais.

Particularmente a ausência voluntária ou involuntária de filhos tem aumentado no mundo ocidental. Muitas mulheres abrem mão da maternidade em prol do desenvolvimento profissional. Outras, depois de inúmeros tratamentos mal sucedidos ou por problemas orgânicos, como pudemos constatar em pesquisa de mestrado (Vailati, 2001), decidem não ter mais filhos. No Brasil, informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (IBGE, 2009) evidenciam que o número de famílias tradicionais compostas pelo casal com filhos caiu de quase 80,53% em 1999 para 77,74% em 2004, 73,45% em 2009. Já os percentuais de casais sem filhos mudaram de 19,47% em 1999 para 22,26% em 2004, 17,1% em 2009.

Tendo em vista esses dados e a partir do trabalho como terapeuta familiar e de casal, resolvemos nesta tese desenvolver um tema que vem se fazendo presente na nossa prática clínica com casais e famílias: a questão dos casais que não têm filhos, alguns deles por problemas de infertilidade, outros por fazerem a opção em não tê-los, entre outros casos. Esse tema tem se revelado como algo inquietante.

Pesquisas de opinião realizadas pelo Data Folha também têm mostrado que a atribuição de importância para a opção de se ter filhos, principalmente entre os habitantes da região metropolitana de São Paulo, vem diminuindo. No cruzamento por gerações percebe-se que as dos anos 80 e 90 são as que menos atribuem importância aos filhos como um fator para a felicidade do casal. Quando questionados se ainda pretendem ter filhos, 51% dos entrevistados disseram que não. Nesta pesquisa havia pessoas desde a geração 40 ou antes até 90. (Folha de São Paulo, São Paulo, 26-08-1998, Caderno Cotidiano, p.C1 e C2)

Embora o tema pareça ser de interesse social, analisando as bases de dados de pesquisa (BVS e PsycInfo) no período 2001 a 2009, identificamos poucos estudos tratando de como os casais sem filhos vivenciam sua conjugalidade, como essa conjugalidade transcorre ao longo do tempo e como lidam com a não presença do filho. O interesse parece recair mais para as tentativas de ter filhos, como é o caso da infertilidade, adoção ou reprodução assistida.

Os modelos de ciclo vital, particularmente as noções teóricas de autores como Falicov (1991), Carter e McGoldrick(1995), Cerveny (1997), têm sido particularmente usados para o atendimento e para a pesquisa, na medida em que identificam os desafios e tarefas a serem enfrentados pela família para se desenvolver. Todos esses estudos, no entanto, consideram os filhos como os principais desestabilizadores do sistema, associados às transições no ciclo de vida. Então, como se desenvolveriam os casais que não têm os filhos?

Em vista dessa reflexão e também da possibilidade de, ao entender o movimento no ciclo vital de casais sem filhos identificar outros desafios específicos da conjugalidade que a não parentalidade, é que delimitamos o objetivo do presente trabalho, a saber: é compreender as repercussões da ausência de filhos na relação conjugal.

O enfrentamento desse objetivo tem como suporte a teoria familiar sistêmica.

Para desenvolvermos este trabalho discutiremos no Capítulo 1 as questões relacionadas ao casamento e ao casal na atualidade,bem como às lealdades e à diferenciação frente à família de origem. No Capítulo 2 abordaremos as teorias que trabalham o ciclo de vida da família e do casal, como também as pesquisas atuais sobre os casais sem filhos. O Capítulo 3 tratará do método utilizado no presente estudo, nele descrevendo-se as características dos participantes, o procedimento e os instrumentos de coleta dos dados utilizados.

O Capítulo 4 apresenta a discussão dos resultados obtidos. E por fim tecem-se as considerações finais.

Capítulo 1 – Casamento, Casal e a Família de Origem

1.1 O Casamento e o Casal

O casamento é um encontro entre duas pessoas, com dois passados, duas ignorâncias recíprocas, dois inconscientes, que vão se reunir para construírem uma nova relação. Cada um dos membros do casal entra no casamento com uma história diferente, com heranças psicológicas das gerações anteriores, uma educação específica das suas famílias de origem, com modelos de interação específicos e com determinadas expectativas de como será o seu comportamento e o do outro nesta interação. Cada um deles têm um roteiro estabelecido que precisará ser revisto, para a construção de um novo, em conjunto.

O novo roteiro, geralmente, implica num caminhar juntos, num comprometimento, numa relação de companheirismo, um compartilhar de prazeres e desprazeres, realizações, riscos, trocas, intimidade, cumplicidade, crescimento, segurança, satisfações mútuas e um projeto de futuro concreto e acessível que possa ser assumido pelos dois. Isto porque o casal, quando se forma, está visando o estabelecimento de uma dupla que tem a intenção de durar. Quando o casal se casa, tem esperança e uma grande expectativa de que este relacionamento dê certo e perdure. Eles esperam da relação, com otimismo e confiança, o amor, a amizade, o sexo, a criação de uma nova geração, ou seja, os filhos, sendo que poucos deles consideram a possibilidade de terem que viver algo muito difícil.

Assumindo uma perspectiva sistêmica, devemos considerar o casal como um sistema aberto em constante transformação no qual elementos intra e extrassistêmicos devem ser considerados para compreender o que será tido como uma relação com qualidade. Assim, antes de apresentar os temas relativos à constituição, à organização e ao funcionamento conjugal, introduziremos alguns temas que tratam da especificidade da conjugalidade na atualidade.

1.2 O Casamento Contemporâneo

Segundo Áries (1985) e Flandrin (1987), até o século XVIII casava-se por interesses econômicos e políticos. O amor-paixão era essencialmente extraconjugal. O amor-conjugal era silenciado no casamento. Reconhece-se a existência do amor-reserva no casamento, autorizando o amor-paixão fora do casamento. No amor-reserva, os maridos deveriam amar as suas esposas e estas, por sua vez, deveriam ser dedicadas e submissas a eles. Não era necessário que esse amor existisse antes do casamento, mas era esperado que fosse construído com o vivenciar da relação. Para isso, procurava-se evitar que os interesses pessoais perturbassem a relação conjugal.

O amor-paixão era o amor à primeira vista, sendo repentino e imprevisível. Era um amor erotizado, com início febril, florescimento e fim. O amor-erotizado era reconhecido nas uniões proibidas, por conter uma magia, algo desconhecido que impulsionava os amantes na busca de desafios (Áries, 1985; Flandrin, 1987).

O amor-romântico, a partir do século XVIII incorpora o amor-paixão e influencia diretamente as relações conjugais, principalmente no que se refere ao sentimento e ao amor. Esse espaço qual que antes era secreto se torna público. O amor-romântico vinculou o amor com a liberdade, autoconhecimento e autorrealização, sendo estes considerados importantes nas relações conjugais. A difusão dos ideais do amor-romântico foi um fator que tendeu a libertar o vínculo conjugal de laços de parentesco mais amplos e proporcionou-lhe um significado especial. Os casais, maridos e esposas, eram vistos cada vez mais como colaboradores em um empreendimento emocional conjunto. A casa passou a ser considerada um ambiente distinto, separado do trabalho, e converteu-se em um local onde os indivíduos poderiam esperar apoio emocional (Giddens, 1993).

Nessa direção, podemos dizer que o casamento atual sofreu muitas transformações. A possibilidade da escolha do parceiro e a exclusividade da relação amorosa favoreceram a intimidade e a complementariedade entre os membros do casal.

Para Giddens (1993) o amor-apaixonado tem uma ligação entre o amor e sexo, e é o perturbador das relações pessoais, da ordem e dos deveres sociais, sendo, portanto, considerado perigoso até recentemente.

Giddens (1993), cujo livro a Transformação da Intimidade, traz a análise mais citada das demandas sobre o relacionamento amoroso e conjugal da atualidade, mostra que o casal contemporâneo se vincula muito em função da relação ser prazerosa e vantajosa para os dois membros do casal.

Ele ainda traz as mudanças que estão ocorrendo no amor-romântico, em virtude da emancipação e da autonomia feminina e da exacerbação dos valores individualistas. Surge, então, o que ele denomina de amor-confluente, que se caracteriza por haver uma abertura de um parceiro em relação ao outro para se desenvolver a intimidade e pela igualdade do dar e receber afeto. Estabelece-se o relacionamento puro, que se manterá se for capaz de proporcionar satisfação aos cônjuges. Nesse contexto, podemos perceber que o “para sempre” e “único” do amor-romântico, dão espaço para à contingência.

Giddens (1993) ressalta ainda que a relação amorosa na atualidade é entendida como a fonte da busca da identidade do indivíduo. O cônjuge acaba por preencher o vazio interno do outro, que assim se percebe como inteiro na relação. Há uma busca do parceiro ideal e em paralelo da autoidentidade, que é validada na descoberta do outro.

Vemos hoje uma transformação na família, com a grande diminuição dos seus membros, e uma preocupação maior com a intimidade do casal, que acaba se voltando para viver uma relação saturada de emoções e sentimentos.

Féres-Carneiro et al. (2007) argumenta que a família tradicional, cuja função não é afetiva e sim moral, perde espaço para um novo tipo de família, onde tem importância o diálogo entre as gerações e o estabelecimento do sucesso relacional. “*O diálogo entre as gerações é a marca da cultura psicológica que fundamenta a família moderna*” (Féres-Carneiro, 2007, p.29).

Diferentes autores (Hetherington e Kelly, 2003; Kaslow e Robinson, 1996; Crosbie-Burnett, 1994; Norgren, 2002) consideram que o relacionamento conjugal contemporâneo enfatiza mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Mas, por outro lado, o casal precisa estabelecer o que se chama de identidade conjugal. Deste modo vemos que o casal contemporâneo se defronta com duas forças paradoxais, definidas por Féres-Carneiro (1998) como “o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade”.

“Se por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, por outro, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais.” (p.3)

A relação conjugal, para continuar existindo, deve ser prazerosa para os membros do casal. Portanto, podemos considerar que, novamente o casal está diante de um paradoxo, pois por um lado, se ele valoriza o espaço individual de cada membro, ele acaba fragilizando o espaço conjugal. Por outro lado, para o casal fortalecer a conjugalidade, ele precisará ceder diante das individualidades.

Nessa direção, Féres-Carneiro et al. (2007) analisando pesquisas com casais das camadas médias urbanas, nos mostra como o auto-questionamento está muito presente na conjugalidade contemporânea. Os parceiros se questionam, a todo momento, sobre como cada um se sente na relação e com o outro. Os projetos feitos pelo casal precisam ser repensados e reavaliados constantemente.

“A busca da própria identidade a partir das relações amorosas, situa o parceiro diante da função de confirmar e manter a identidade do outro, transformando-o em instrumento de legitimação do ‘eu’” (p.31).

Desse modo, a partir do que foi dito, podemos dizer que a conjugalidade contemporânea está perdendo a característica de indissolubilidade. O sentimento amoroso, mesmo sendo o centro da relação, precisa conviver com a possibilidade de dissolução do laçoconjugal. Mas é importante lembrar que a mudança pessoal e relacional é parte fundamental do relacionamentoconjugal.

1.3 O Casal

Para introduzirmos a noção de casal, o faremos pela perspectiva do que se vem denominando ideal das camadas médias urbanas na atualidade, ou seja, o casamento com coesão e diferenciação (Hetherington e Kelly, 2003) discutindo o seu papel, a sua configuração, o seu funcionamento e o seu movimento.

O casal, quando se casa, precisa criar um espaço que deve ser adaptado às suas necessidades, ao mesmo tempo em que eles próprios se adaptam a esse espaço. As decisões vão ser tomadas em conjunto, começando pela decisão sobre onde vão morar, chegando até outras, como que clube frequentar. Para poderem compartilhar um mundo em comum, se faz necessário negociar certas estruturas que dizem respeito ao sentido e ao objetivo da relação. As negociações das regras, das tarefas a desempenhar, das diferenças de cada um, devem acontecer.

Caso resolvam ter filhos, fato este que aumenta a complexidade da relação, precisam fazer ajustes relativos ao tempo, papéis, funções, etc.

A negociação é especialmente importante no começo da relação, mas sempre acontecem novas situações que requerem uma readaptação e reorganização das regras estabelecidas anteriormente. Para isso, o casal precisa ter flexibilidade e uma boa capacidade de assimilação das novas situações. O desenvolvimento pessoal de cada um implica em redefinir continuamente as regras, as funções e os papéis.

Scarf (1990) nos diz que, para os indivíduos se constituírem enquanto um casal, precisam se desligar da sua realidade anterior e das suas famílias de origem. Devem elaborar a perda da sua condição de filhos e se assumirem como seres adultos, independentes e responsáveis. Mas, esse autor nos mostra que muitos de nós não deixaram para trás fatos da nossa infância e que, no momento em que vamos escolher nossos parceiros ou sermos escolhidos, estamos muito influenciados pelos padrões que assimilamos na vida pregressa, sem nos darmos conta disso. Sendo assim, temos a tendência a repetirmos os padrões de relacionamento, talvez para permanecer num universo que nos é familiar.

Nos primeiros anos de casamento, o casal tem que passar por muitas mudanças, sendo elas: passar de um, para se tornar uma parceria; precisa começar a se diferenciar de sua família de origem, negociando uma relação diferente com pais, irmãos, parentes e amigos; necessita ajudar a inclusão de seu cônjuge na sua família de origem, e constituir sua própria família, com sua identidade particular. As lealdades devem mudar, pois o compromisso fundamental é para com o cônjuge (Minuchin, 1990).

O casal precisa ser capaz de se adaptar quando as circunstâncias familiares mudam, preservando suas funções específicas, bem como desenvolvendo padrões em que cada cônjuge apóie o funcionamento do outro em diversas áreas, estabelecendo uma interdependência mútua (Minuchin, 1990). Nessas mudanças, cada um dos cônjuges é acrescido pelo outro, os ideais individuais passam a ser compartilhados e o casal deve construir um projeto comum, que dará sentido à vida, favorecendo a inclusão do projeto pessoal de ambos. Esse projeto de vida em comum irá se desdobrando, precisando se ajustar à realidade do casal (Norgren, 2002).

O casal movimenta-se entre esperar que o outro lhe dê uma parte de si mesmo e se defender contra a invasão do outro. Esse paradoxo entre fusão e diferenciação está presente nas sucessivas fases da relação conjugal, alternando entre momentos de idealização do parceiro, com outros de luto pela renúncia à imagem ideal que se tinha do outro. Sendo assim, se faz necessário reelaborar essa imagem idealizada que se tinha do outro, tendo que privilegiar a dimensão real do companheirismo e a aceitação das características pessoais próprias e do cônjuge. “*A unidade conjugal é uma conquista que só se concretiza quando os cônjuges conseguem vencer o confronto da individualidade com a conjugalidade*” (Norgren, 2002).

Satir (1991) nos diz que o casal é formado por três partes, dois indivíduos e uma relação. Cada uma dessas partes deve ser observada, pois têm um significado na vida desse casal. Qualquer coisa que uma dessas pessoas faça, requer que a outra responda, e essa resposta modela aquela pessoa. Em contrapartida, a resposta do outro modela o seu próprio eu.

Esta sequência repetida dá origem a um modelo, que se traduz em normas para a relação. Desse modo estabelecem-se os parâmetros da relação, que podem limitar ou expandir a vida de cada um dos membros do casal.

Satir (1991) discute ainda a questão da auto-estima, nos mostrando que as dificuldades que os casais têm para enfrentar seus problemas estão sempre relacionadas à baixa auto-estima dos parceiros. Para ela, os membros de um casal podem ficar presos um ao outro, num encaixe psicológico que nos faz lembrar os seus modelos infantis. Segundo essa autora, quando os casais têm problemas é porque um está pedindo ao outro para preencher as necessidades que os pais não atenderam. Muitos indivíduos escolhem seus parceiros por achar que são diferentes dos pais, mas acabam descobrindo que o parceiro apresenta os mesmos problemas que eles queriam eliminar. Isto ocorre, talvez, por ter havido uma separação incompleta dos pais. Para ela, os parceiros se escolhem, por serem atraídos inconscientemente um pelo outro, devido a uma adesão emocional e psicológica que ignoram totalmente. As perguntas que a autora se faz quando está diante de um casal são: Por que, para que e em função do que, parte da personalidade de um dos parceiros escolheu o outro? Em função de quais pautas emocionais eles se escolheram?

Para os teóricos da comunicação fundamentados na teoria sistêmica, o casal é definido como um sistema interpessoal cujas sequências interacionais são marcadas por um conjunto complexo de regras que funcionam com uma relativa estabilidade, mas que podem ter a capacidade de transformar os seus padrões de interação.

Para que duas pessoas se constituam como um casal, devem passar por uma série de acordos relacionais, acordos estes que lhes darão singularidade. Neste sistema interpessoal, que é o casal, o comportamento de cada um dos membros, afeta e é afetado pelo outro, como também, o contexto no qual as interações acontecem influencia e é influenciado pelos seus participantes.

Ackerman (1974) concebe o casal como sendo uma estrutura com características próprias e interações que a definem, sem deixar de levar em conta as particularidades individuais de seus membros. O casal se constitui como uma nova entidade, com propriedades específicas e uma identidade psíquica própria que incorpora aspectos da auto-imagem de cada um, além de desenvolver aspectos novos e únicos. Para ele, a relação conjugal tem a capacidade de influenciar e modificar os cônjuges em sua individualidade.

Caillé (1994) no diz que cada casal cria o seu próprio casal, o que ele chama de o absoluto do casal. “*O absoluto do casal é algo que se mantém, que desfruta de uma coerência interna, que tem um significado consistente*” (p.39). Os cônjuges são ao mesmo tempo criadores e criaturas da relação. “*Criar um casal será, na vida de muitos, a única oportunidade de criar algo intuitivo, ocasião singular de se sentir artista*” (p.38)

Minuchin (1990) nos diz que o subsistema conjugal é um dos subsistemas que compõem o complexo sistema familiar, cuja organização pressupõe uma hierarquia. Os indivíduos se agrupam nos subsistemas por geração, sexo, interesse ou função. Cada indivíduo, portanto, pertence a diferentes subsistemas conforme os papéis que desempenha. Cada subsistema tem características específicas quanto à sua natureza e funções, as quais estão vinculadas aos valores de nossa sociedade e cultura.

O sentido da separação e da individuação ocorre através da participação do indivíduo em diferentes subsistemas familiares, como também nos extra-familiares.

Watzlawick (1973) nos diz, no seu quarto axioma, que o padrão de interação entre o casal pode ser descrito como interação simétrica e complementar. Na relação simétrica, os parceiros tendem a refletir o comportamento um do outro. A interação simétrica é caracterizada pela igualdade e a minimização da diferença. Na relação complementar, o comportamento de um parceiro complementa o do outro. Nela temos a maximalização da diferença.

Para Minuchin (1990), o subsistema conjugal se forma quando duas pessoas se unem para formar uma família. Elas têm tarefas e funções específicas, que são vitais para o funcionamento da família. Usando o axioma de Watzlawick (1973), ele diz que o casal deve desenvolver padrões de complementariedade a partir dos quais um apóia o funcionamento do outro. Para ele, a complementariedade é o princípio definidor de todos os relacionamentos. O subsistema conjugal deve conseguir estabelecer uma fronteira de tal forma que o proteja da interferência das exigências e das necessidades de outros subsistemas. O subsistema conjugal pode ser um abrigo no qual o casal possa dar apoio emocional um ao outro para enfrentarem as múltiplas exigências da vida. Ele deve ser um espaço de construção conjunta, no qual o comportamento de um está ligado ao comportamento do outro, favorecendo a aprendizagem, o crescimento e o desenvolvimento do casal. Isto significa que as ações de um casal não são independentes, mas co-determinadas.

Baseados no quarto axioma de Watzlawick (1973), Satir (1991) e Minuchin (1990) nos dizem que o relacionamento entre o casal pode se dar dentro de uma complementariedade ou simetria. No relacionamento simétrico, cada parceiro insiste na complexidade e amplitude do seu mundo, se enriquecendo com conversas mais amplas e com pontos de vista distintos. Nestes relacionamentos, os conflitos acontecem com maior frequência, na medida em que os conteúdos individuais de cada um e as diferenças se encontram num mesmo nível de importância, precisando haver uma maior negociação entre o casal, para resolverem algo. No relacionamento complementar, há uma distribuição de funções, de áreas de responsabilidade, onde um apóia e enriquece o outro.

Todos esses autores nos falam de um “nós” do casal que é por eles construído a partir de uma escolha mútua subjetiva, que serve de apoio para os seus ideais e projetos comuns. Além disso, devemos considerar que na conjugalidade contemporânea, o casal necessita não só aprender a lidar e administrar a individualidade com a conjugalidade, mas também redimensionar o relacionamento com a família de origem de cada um dos cônjuges.

1.4 Conjugalidade

A conjugalidade é uma forma de relacionamento diferente das outras formas, pois cada um dos membros do casal tem que limitar à própria individualidade, para se reorganizar e viver a conjugalidade, qualquer que seja a fase *em que se encontram os cônjuges*.

o casal deve conter dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções do mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal” (FÉRES-CARNEIRO, 1998, p.2).

Em Féres-Carneiro et al (2007) vemos que o casal constrói não somente a realidade presente, como também reconstrói a realidade passada, produzindo uma memória comum que integra os dois passados individuais. “A tarefa do sujeito assim como da família e do casal é construir, organizar e transformar suas heranças” (p.25).

Para Féres-Carneiro et al. (2007) a conjugalidade favorece um espaço para o questionamento em relação ao que um sente pelo outro e qual a profundidade desses sentimentos para manter um envolvimento prolongado, sendo que um parceiro é confirmador e mantenedor da identidade do outro, para a legitimação do “eu”.

Melo (2009) nos diz que são inúmeros os sentimentos que devem ser desenvolvidos na interação conjugal, já que eles não são recebidos, mas sim, conquistados. Esses sentimentos dizem respeito à confiança que favorece o compromisso entre o casal, à intimidade que proporciona a abertura das

emoções de um para o outro e à afetividade que tem uma grande importância nos relacionamentos atuais.

Féres-Carneiro (1998) nos mostra que o relacionamento conjugal está diante de uma dinâmica onde precisa conciliar duas tendências opostas que são os ideais individualistas e a conjugalidade. A individualidade refere-se ao indivíduo, sua identidade, seus desejos, suas inserções, suas percepções de mundo, suas histórias e seus projetos de vida. Por outro lado, a conjugalidade refere-se à identidade de ambos, à história de vida do casal e seus projetos de vida como casal. Essa autora baseada nas ideias de Bowen (1998) nos diz que o gerenciamento da conjugalidade consiste em uma oscilação dos cônjuges entre momentos de fusão e de diferenciação entre eles. Eles precisam estabelecer um equilíbrio entre estes dois momentos.

Temos aqui, portanto, a ideia de que a conjugalidade do casal se constrói pautada no modelo de conjugalidade aprendido na família de origem do casal, e ela vai sofrer alterações ao longo do ciclo vital do casal. O casal é o elo de ligação entre as gerações, ajudando na transmissão dos valores, dos mitos, das crenças e emoções, dando a continuidade familiar entre as gerações.

Féres-Carneiro et al (2007), ao analisar os estudos de Duarte (1995), perceberam que nas relações familiares, exige-se de cada membro da família o desenvolvimento da reflexividade, da construção do eu, e, em contra partida, da submissão à história do grupo familiar.

“A família e o sujeito, a relação e a autonomia são, ao mesmo tempo, opostas e mutuamente influentes”(p.27).

Na conjugalidade contemporânea, os cônjuges estão cada vez mais unidos pelo afeto, sendo que a individualidade está cada vez mais presente.

Magalhães e Féres-Carneiro (2003) ressaltam que a conjugalidade é uma aliança que, para existir, necessita da intimidade e da confiança mútua. Essa aliança deve acontecer quando duas pessoas se juntam com os mesmos ideais, para constituírem um casal, apesar de suas diferenças.

Na conjugalidade atual a ênfase é dada na qualidade das relações estabelecidas entre os cônjuges. Valoriza-se a escolha do parceiro, o relacionamento afetivo-sexual, a intimidade, a igualdade e a satisfação conjugal, com a fidelidade e o amor.

Rosset (2005) afirma que é preciso que o casal reconheça seus limites e potenciais, onde um começa e onde termina o outro, sem confundir valores, necessidades, preferências, desejos, respeitando um ao outro. Deste modo, o casal conseguirá ter um bom relacionamento e felicidade. Os valores sociais e individuais mudaram muito, não existindo mais um jeito certo de se relacionar e de constituir a conjugalidade. Hoje existem muitas maneiras de se constituir como um casal, possibilitando novas experiências, novas aprendizagens, novas configurações e novos objetivos nos relacionamentos.

1.5 O Papel da Família de Origem

A escolha do parceiro é um tema complexo porque lida com o próprio desenvolvimento da identidade dos indivíduos, com a aquisição dos padrões interacionais, afetivos e comunicacionais, bem como com crenças, valores e mitos implícitos nas expectativas e significados dessas escolhas (Munhoz, 1996). Essa escolha geralmente se realiza por motivos inconscientes e instintivos, sendo que nela há a interferência do relacionamento vivido com os pais na família de origem. Isso porque, de alguma forma, o presente está unido ao passado e o parceiro atual evoca e representa pessoa importante dos tempos mais remotos, mesmo que estas lembranças tenham sido banidas da consciência (Anton, 2000).

Considerando que as escolhas conjugais estão sendo construídas a partir das interações familiares em seus aspectos intergeracionais, este estudo será referendado nos autores que oferecem conceitos explicativos destinados a compreender o funcionamento e o desenvolvimento dos modelos de interação e de condutas familiares, e de que maneira se processa a transmissão desses modelos por entre as gerações.

Um casal ao estabelecer sua aliança, não consegue, mesmo que deseje, fazê-lo de maneira totalmente livre dos sistemas aos quais ambos pertencem, como suas famílias de origem. O jovem casal precisa se desligar, um e o outro, da lealdade que deviam a suas famílias de origem. Deve agora, às suas famílias de origem, uma lealdade definida de maneira nova.

O casal tem uma dívida de lealdade que consiste em manter a integridade do sistema familiar, mas deve estar preparado para acomodar essa nova relação que está estabelecendo e as mudanças que vão ocorrer no sistema familiar (Boszormenyi-Nagy, 2008).

Boszormenyi-Nagy (2008) define o conceito de lealdade como a existência de expectativas estruturadas do grupo em relação às quais todos os membros adquirem um compromisso. Seu marco de referência é a confiança, o mérito, o compromisso e a ação. Para ser um membro leal de um grupo, a pessoa precisa interiorizar o espírito de suas expectativas e assumir uma série de atitudes passíveis de especificação, para cumprir com os mandatos interiorizados. O indivíduo pode submeter-se ao mandato das expectativas externas, como ao das obrigações interiorizadas. A incapacidade de cumprir as obrigações gera sentimentos de culpa que constituem forças secundárias de regulação do sistema.

A estruturação da lealdade está determinada pela história do grupo. O alcance das obrigações de cada indivíduo e a forma de cumpri-las está co-determinada pelo complexo emocional de cada membro em particular e pela posição que por seus méritos, ocupa no sistema familiar.

O conceito de lealdade é fundamental para compreendermos a estruturação relacional mais profunda das famílias e do casal. Os membros de uma família podem comportar-se de maneira leal levados pela coerção externa, pelo reconhecimento consciente de seus interesses por pertencer a ela, pelos sentimentos de obrigação conscientemente reconhecidos ou uma obrigação de pertencer que os ligue de modo inconsciente.

Na família, a lealdade dependerá da posição de cada indivíduo dentro do âmbito de justiça de seu universo humano, o que por sua vez constitui parte do conteúdo de méritos inter-geracionais da família. Os compromissos de lealdade são como fibras invisíveis, mas resistentes, que mantém unidos fragmentos complexos de conduta relacional, tanto na família, como no casal (Boszormenyi-Nagy, 2008).

Pensando nos casais, quando se casam, não se unem apenas o noivo e a noiva, mas também os dois sistemas relacionais aos quais eles pertencem. Como diz Boszormenyi-Nagy (2008): “*Sem capacidade para perceber de maneira intuitiva o futuro cônjuge como ponto nodal na trama de lealdades, um se casa com a recriação perfeita da própria família de origem*” (P.64). Cada cônjuge, então vai lutar para coagir o outro inconscientemente, de modo a fazê-lo responsável pelas injustiças sofridas e os méritos acumulados a partir da família de origem.

A potencialidade para estabelecer um novo vínculo a partir do casamento deve pesar contra as antigas obrigações que impulsionam a um estabelecimento de vínculo simbiótico duradouro. Dependendo de como os compromissos com a família de origem foram internalizados e estruturados pela pessoa, pode levar a um descuido com relação ao novo vínculo estabelecido, deixando-o como secundário. Muitas pessoas casadas descobrem sua incapacidade de fazer vínculos de lealdade com seus cônjuges somente depois que passa o brilho inicial da atração sexual.

Segundo Boszormenyi-Nagy (2008), os compromissos de lealdade verticais andam em conflito com os horizontais, geração após geração.

Os compromissos de lealdade verticais são devidos a uma geração anterior ou posterior; os compromissos de lealdade horizontais são estabelecidos entre o casal. O estabelecimento de novas relações, como o casamento, leva à necessidade de se fazerem novos compromissos de lealdade. Quanto mais rígido for o sistema de lealdade originário, mais difícil será o desafio para a pessoa. À medida que vão se desenvolvendo as fases de evolução da família nuclear, todos os membros devem enfrentar novas exigências de adaptação. A adaptação não significa uma resolução final ou um fechamento da fase anterior, mas sim uma tensão contínua que leva a definir um novo equilíbrio entre expectativas antigas, que continuam existindo, com outras novas.

Boszormenyi-Nagy (2008) nos mostra que o casamento provoca um confronto entre os dois sistemas de lealdade das famílias de origem, além das exigências que se colocam a ambos os cônjuges, no sentido de equilibrar a balança de sua lealdade conjugal frente às lealdades devidas às suas famílias de origem. Os determinantes mais profundos do casamento se baseiam no conflito entre a lealdade não resolvida de cada cônjuge com a família de origem e sua lealdade com a família nuclear.

Na atualidade, quando um homem e uma mulher resolvem se casar, a sua lealdade para com a família nuclear deve alcançar tanta importância em profundidade para que possam superar suas lealdades com a família de origem. O afeto, ou seja, a capacidade de amar e ser amado, é um fator do compromisso. O outro seria a fantasia de criar uma família melhor do que a sua família de origem. Todos esses fatores devem predominar para permitir aos cônjuges exercer um contrapeso frente a seu vínculo de lealdade

original. Mas, mesmo que o casal dê uma grande ênfase a esses fatores, os compromissos de lealdade com a família de origem podem ser ignorados apenas parcialmente e temporariamente. Caso não exista uma re-elaboração desses compromissos de lealdade frente à família de origem, uma vez que são inconscientes em sua maior parte, eles tenderão a sufocar os novos compromissos.

E o que podemos pensar sobre os casais sem filhos? A lealdade familiar está baseada, principalmente, no parentesco biológico – hereditário; a continuidade emocional e biológica de uma geração para a outra forma a identidade familiar, o legado familiar e os mitos familiares. O casal sem filhos não tem para quem transmitir seus legados, havendo, assim, uma interrupção dos mesmos. Além disso, o fato de não terem filhos pode evitar uma mudança na lealdade da família de origem para a nova família. Desse modo, as famílias podem permanecer fundidas e o casal pode não crescer e ficar estacionado no seu desenvolvimento.

Para Boszormenyi (2008), quando o casal briga, isto se dá não só pelas motivações pessoais de cada cônjuge, mas também pelas regras estabelecidas e fundadas na lealdade que se dá entre eles. Ao brigarem estão demonstrando, sem saber, a lealdade incólume frente as suas famílias de origem. As brigas conjugais são resultados dos conflitos entre valores interiorizados que se originam a partir das primeiras relações formativas de cada cônjuge, por um lado, e, por outro, das expectativas éticas de seus papéis conjugais e paternos na nova família.

No relacionamento conjugal, além da lealdade frente ao cônjuge e a família de origem, devemos observar o nível de diferenciação de ego de cada um dos cônjuges, pois esse é outro fator que interfere nas relações conjugais.

O conceito de diferenciação do ego, desenvolvido por Bowen (1998), focaliza o indivíduo no processo de maturação emocional e intelectual, interagindo em seu contexto familiar. Esse autor considera o indivíduo e a família como dois sistemas vivendo num processo evolutivo que irá permitir, ou não, um bom resultado dessas relações, por meio das etapas dos ciclos de vida individual e familiar. Bowen (1998) define este conceito como um grau de controle que cada indivíduo é capaz de exercer sobre seus pensamentos e emoções, no sentido de poder criar e respeitar os próprios critérios como bases adequadas de escolha para suas ações, tornando-se responsável por elas ao assumir as consequências advindas dessas ações.

Bowen (1998) observou que as pessoas se diferenciamumas das outras em termos de funcionamento. O nível de diferenciação é aquele em que o ego se funde ou se incorpora a um outro ego, numa relação emocional íntima. Existem pessoas mais diferenciadas e menos diferenciadas em relação ao ego. As pessoas pouco diferenciadas tendem a ser mais suscetíveis ao estresse e mais propensas a desenvolver enfermidades, inclusive físicas e sociais. As pessoas mais diferenciadas conseguem recuperar seu equilíbrio emocional mais rapidamente frente a uma situação que causa estresse.

Segundo Bowen (1998), as pessoas se fusionam ou se fundem emocionalmente com a outra, num maior ou menor grau, para criar um eu comum.

Até certo grau, a fusão se faz presente em todas as famílias, exceto naquelas cujos membros alcançaram a completa maturidade emocional. A pessoa madura é uma unidade emocional completa capaz de manter os limites de seu eu, mesmo em situações de estresse, sem se envolver em fusões emocionais com os demais.

A fusão se refere ao modo como as pessoas se apegam emocionalmente em suas relações mais significativas. As pessoas com alto nível de fusão não demonstram uma clara percepção de si mesmas e são mais propensas a apresentar sintomas frente às situações de estresse. O grau de fusão dos membros de uma família reflete as relações de apego emocional não resolvidas com as famílias de origem. A fusão é uma ligação que expressa o grande problema das famílias, que incapacita seus membros de poderem relacionar-se entre si como pessoas e desfrutar o prazer de estar em suas companhias.

Para Bowen (1998), o ponto central da diferenciação do ego está relacionado à relação primária de uma pessoa com seus pais. Os pais e a criança, ambos, movimentam-se no sentido da maior autonomia emocional. O nível de diferenciação do ego paterno e materno e destes com seus respectivos pais, é que determina o quanto longe pode ir o progresso da família no sentido da autonomia. Quando tudo acontece bem, a criança sairá de seu processo de desenvolvimento com um grau muito elevado de diferenciação do ego.

O que dificulta esse processo é o nível de diferenciação e de ansiedade crônica que os pais podem apresentar.

Quanto mais os pais precisam da criança para completar seus próprios egos parciais, mais a criança necessitará de outra pessoa para completar o seu. Quando a separação emocional se dá de maneira incompleta, os pais e a criança irão permanecer emocionalmente presos uns aos outros numa relação simbiótica onde eles não conseguem sobreviver uns sem os outros. Essas ligações emocionais não resolvidas de uma criança em relação a seus pais são chamadas por Bowen (1998), de indiferenciação. Quanto mais alto o grau de diferenciação apresentado por uma pessoa, menos ligações emocionais não resolvidas ela terá que gerenciar em seus relacionamentos. Alguns fatores determinam o grau de ligação não resolvida de uma pessoa com seus pais. São eles: o próprio grau de indiferenciação que os pais apresentam; como os pais administraram a ligação emocional com seus pais na sua própria relação; a intensidade da ansiedade a qual os pais foram expostos e o modo como essa ansiedade foi administrada.

Bowen (1998) pontua que a base da fusão são as ligações emocionais não resolvidas. A pessoa tem a necessidade de uma outra pessoa para ser capaz de atuar em termos de ego. Essa necessidade pode variar desde uma simbiose real, na qual a pessoa não pode viver sem o outro, a uma dependência emocional mais branda, em que a pessoa sente-se melhor e funciona melhor quando está ligada ao outro, até a um bom grau de solução de ligação ou mesmo, um grau muito baixo de fusão.

Essa necessidade que a pessoa tem de se ligar a uma outra para se completar é algo trazido desde a família de origem para todos os relacionamentos futuros.

Os bons resultados na diferenciação do ego são expressos nas condutas dos membros de uma família ao viverem com maior clareza e liberdade as suas escolhas tanto conjugais como outras, sem sofrer interferência das famílias de origem.

Bowen (1998) nos fala sobre o que ele denominou de *processo emocional da família nuclear*. Esse processo está relacionado aos processos desenvolvidos no seio do par conjugal, destinados a solucionar as dificuldades decorrentes de ligações emocionais não resolvidas. O nível de diferenciação dos cônjuges e a intensidade da ansiedade determinam o limiar além do qual esses processos ou seus sintomas ocorrem. Quanto mais alto o nível de diferenciação do ego em uma família, mais capazes serão os membros desta de manter seus níveis funcionais na presença do aumento dos níveis de ansiedade e menos radicais serão as mudanças funcionais.

A teoria de Bowen (1998) formula a hipótese de que o nível primário de diferenciação do ego nos casais é idêntico, como também o é o nível de indiferenciação ou de ansiedade crônica. O nível de indiferenciação determina as ligações emocionais não resolvidas de cada pessoa e, consequentemente, o grau de fusão estabelecido entre os parceiros.

Quanto maior for o grau de fusão, menor será a capacidade de cada um dos cônjuges em funcionar de modo autônomo e mais cada um exigirá da presença do outro, comportando-se de modo previsível e aceitável para poder manipular o funcionamento de seu par.

Quanto mais alto o grau de ligação emocional não resolvida e de fusão, menor será o grau de tolerância de cada cônjuge em relação à diferença que o outro apresente, e maior será a ansiedade presente quando essas diferenças aparecerem.

Cada cônjuge vem para o casamento trazendo um certo nível de ansiedade crônica que desenvolveu no relacionamento com seus pais. Essa ansiedade crônica consiste numa sensibilidade em relação a outro indivíduo emocionalmente significativo, em um conjunto mental de percepção e interpretação do comportamento do outro.

Bowen (1998) sugeriu a existência de quatro padrões de ansiedade entre os cônjuges, que refletem as ligações emocionais não resolvidas. O primeiro deles ele chamou de *distância emocional*. Neste, à medida que a ansiedade aumenta, os cônjuges reduzem seu contato mútuo. Eles podem chegar a evitar-se mutuamente, como também podem reduzir o contato emocional dentro de cada um deles. Eles passam a evitar falar sobre assuntos que gerem discussões. Cada um deles podem se ausentar de casa por longos períodos, ou trabalhando durante mais horas, ou saindo mais com os amigos do que com a esposa.

Quando isso acontece com muita frequência, dá-se um divórcio emocional, pois a distância entre eles é tão grande que ambos acabam por saber muito pouco sobre os pensamentos, sentimentos ou mesmo sobre a forma de viver do outro. As manifestações específicas da distância emocional dependem do grau de diferenciação dos cônjuges e da intensidade do nível de ansiedade com o qual eles são obrigados a defrontar-se.

O segundo padrão, ele denominou de *conflito entre cônjuges*. A intensidade do conflito pode variar de pequenas alterações à violência física. Na maioria das vezes, o distanciamento antecede o aparecimento de um conflito, que se faz seguir, por um período de calma relativa, durante o qual o distanciamento novamente começa a se estabelecer. O conflito poderia ser definido como uma reação em cadeia, em que cada ataque conduz a um contra-ataque. Essa reação emocional em cadeia bloqueia o encontro de uma solução para o problema e o conflito revela a fusão primária entre as pessoas. Cada um dos cônjuges declara ao outro o quanto ela ou ele violou a interdependência estabelecida e o que deve fazer para corrigir a situação.

O terceiro padrão nomeou de *disfunção de um dos cônjuges*. Um dos cônjuges delega ao outro a responsabilidade por seu próprio ego e o outro mostra estar administrando áreas cada vez mais complexas de responsabilidade. Ao final, quando esse processo é alimentado por uma carga suficiente de ansiedade e não sofre um desvio que o transforme num outro processo, o cônjuge submisso pode desenvolver uma disfunção emocional, física ou social. Esse quadro de reciprocidade faz com que um dos cônjuges reduza seu funcionamento, enquanto que o outro o aumenta.

Nessa reciprocidade cada um tem um preço a pagar. O cônjuge submisso está predisposto a apresentar disfunções físicas e psíquicas e sua postura frente à vida passa a ser de uma pessoa indefesa. O cônjuge que toma para si a responsabilidade carrega um sentimento de enorme responsabilidade, que pode atuar como cadeias que vão limitar a sua energia e liberdade para perseguir metas importantes para o seu ego.

O quarto padrão ele denominou de *projeção do problema sobre um dos filhos*. A projeção ocorre em torno do instinto maternal e da maneira pela qual a sociedade permite que este atue durante os períodos de reprodução e da infância da prole.

Quando estamos diante de um casal, precisamos observar o conflito que se estabelece entre a busca da intimidade e uma possível fusão. A busca da intimidade se dá num sentido de completude total que, se for vivida além do possível, pode resultar numa fusão. Para Bowen (1998), os casais que se fusionam são aqueles que querem se completar no outro, porque falharam em suas relações com seus pais, e assim, não estando libertos o suficiente para serem eles mesmos e capazes de apreciar o outro como o outro é.

Bowen (1998) observando os casais nos diz que os indivíduos tendem a se atrair, como futuros cônjuges, em função do nível de diferenciação do ego em que se encontram. Isto significa que a pessoa, ao fazer a sua escolha amorosa, procura alguém com um nível semelhante quanto à capacidade de discriminar suas emoções e objetivar suas ações e decisões.

Assinala ainda que, mesmo nos casos em que se casa com pessoas de níveis muito diferentes, a tendência é se ajustarem num nível intermediário entre as duas posições.

Desse modo podemos considerar que, quanto mais a pessoa estiver desenvolvida em seu crescimento emocional, e quanto mais diferenciada estiver em relação à sua família de origem, poderá fazer escolhas mais conscientes, mais autênticas e coerentes com suas características individuais. E como decorrência estará criando um campo de maiores probabilidades, na busca de uma conjugalidade mais funcional.

Capítulo 2 – Ciclo Vital da Família e do Casal

O ciclo de vida familiar é um conjunto de etapas pelas quais a família e o indivíduo passam, pois o ciclo de vida individual acontece dentro do ciclo de vida familiar, que é o contexto primário do desenvolvimento humano. (Carter e McGoldrick, 1995). O ciclo vital pressupõe movimento, crescimento, etapas. O sentido da palavra ciclo está ligado a fenômenos que se sucedem em um determinado ritmo, onde existem mudanças, e onde se faz necessário um equilíbrio entre estabilidade e flexibilidade (Cerveny, 1997).

As famílias mudam em forma e funcionamento dentro do ciclo de vida e seguem uma sequência ordenada de etapas no desenvolvimento. Ao analisar diferentes modelos acerca do ciclo vital familiar, Falicov (1991) identificou que eles se organizam a partir de três critérios:

- 1) Mudanças no tamanho da família, devido a entradas e saídas dos membros, como: crianças que nascem, filhos que se casam, avós que morrem e outros movimentos de entradas e saídas que determinam com uma certa regularidade, as etapas previsíveis ao longo da história de uma família;
- 2) Mudanças na composição por idade, baseadas na idade cronológica do filho mais velho desde sua infância até ser jovem adulto;
- 3) Mudanças no status do trabalho do provedor principal.

Junto a estas dimensões de desenvolvimento foi acrescentada uma concepção estrutural e funcional da família como um sistema no qual os membros ocupam dois tipos de posições: de idade e de papéis.

Os papéis mudam à medida que a composição desse sistema é alterada quer pela perda de algum membro, quer pela entrada de um novo membro. A mudança apropriada nos papéis torna-se a tarefa desenvolvimental da família. As dificuldades apresentadas pela família vão aparecer sutilmente, fase a fase, acompanhadas por stress, que geralmente acontece nas mudanças.

Mederer & Hill (1983) ressaltam que o foco dos estudiosos quanto ao processo de mudança e o stress que ele acarreta, está voltado para dentro das etapas do ciclo de vida. Mas eles nos apontam para estarmos atentos ao processo que ocorre entre as etapas. Algumas famílias vivenciam essas transições de forma suave e outras de modo áspero e duro.

Hansen e Johnson (1979) acreditam que as transições mais tranquilas acontecem quando a família começa a experienciar novos padrões gradualmente, enquanto mantém o conforto e a familiaridade dos velhos conhecidos. A transição dura pode ocorrer quando a passagem gradual não é possível.

Todos esses autores descrevem as passagens de uma fase para outra como mudanças que requerem uma adaptação aos novos limites, hierarquia e novas regras, mas se referem também às mudanças ocorridas dentro de uma mesma fase que implicam uma maior ou menor necessidade de adaptação.

Segundo Hoffman (1992), as mudanças numa mesma fase do desenvolvimento, causadoras de alterações de comportamentos expressos, mas mantendo a continuidade do funcionamento familiar, são consideradas de primeira ordem.

Aquelas ocorridas de uma fase para outra, que representam um salto qualitativo na organização familiar e provocam alterações de valores e atitudes, são consideradas mudanças de segunda ordem.

Scherz (1971) propõe que entre as etapas do ciclo de vida existe um tempo de maturação, período de transição das tarefas que o indivíduo vai realizar para se identificar com o novo e largar o velho conhecido. O alto *stress* acontece quando chegou o momento onde não dá mais para ficar no velho padrão e a mudança se faz necessária. Temos aqui uma crise no desenvolvimento.

Caplan (1963) define crise como um período temporário de desorganização do funcionamento de um sistema aberto, desencadeado por circunstâncias que ultrapassam, transitoriamente, as capacidades do sistema para adaptar-se externa e internamente. Ele se referiu à crise num primeiro momento, como sendo desencadeada por eventos traumáticos, como a morte de uma pessoa amada ou o nascimento de uma criança com problemas. Depois, ele estendeu esse termo para eventos inerentes ao desenvolvimento.

E o casal sem filhos como pode ser pensado dentro do ciclo de vida? Ele está fora da prescrição do ciclo de vida? De acordo com Falicov (1991) ele está dentro da prescrição do ciclo de vida.

O conceito de ciclo vital da família tem sido amplamente desenvolvido, desde a década de setenta, por terapeutas familiares e pesquisadores como Haley (1991), Duvall (1957) e Carter & McGoldrick (1995). Para eles, a família é vista como um sistema que se desenvolve ao longo do tempo, passando por estágios onde as transições e mudanças são previsíveis, com acontecimentos ligados à entrada e à saída de membros no sistema

familiar. Cada estágio tem tarefas características desse período, que desafiam e promovem mudanças em todo o sistema (Berthoud, 2000).

Duvall (1957) divide o ciclo familiar em oito etapas distribuídas em torno de fatos marcantes, entradas e saídas de membros da família, como nascimento, casamento e morte. Focalizou o desenvolvimento do indivíduo na coexistência com as etapas evolutivas de sua família, analisando o modelo que considera as relações de três pessoas, pai, mãe e filho, sendo a criança o elemento organizador da vida familiar, que se move através dos tempos em mútua interdependência com as gerações passadas.

Carter e McGoldrick(1995), mais recentemente, a partir de uma visão sistêmica, organizam um esquema normativo do desenvolvimento familiar, focalizando as etapas evolutivas do indivíduo, como um sistema pertencente a um campo sistêmico mais amplo, com suas diferentes dimensões e dinâmicas. Elas consideram o ciclo de vida familiar em relação a três aspectos: 1) os estágios predizíveis de desenvolvimento familiar “normal” na classe média americana tradicional no final do século XX; 2) os padrões do ciclo de vida familiar que estão se modificando em nossa época e as mudanças naquilo que é considerado “normal”; 3) a perspectiva clínica que vê a terapia como forma de ajudar as famílias “ a voltarem à sua trilha desenvolvimental”.
Elas estabeleceram os seguintes estágios:

- 1) Saindo de casa: jovens solteiros;
- 2) A união das Famílias através do Casamento: O Novo Casal;
- 3) Famílias com Filhos Pequenos;
- 4) Famílias com Adolescentes;
- 5) Lançando os Filhos e seguindo em frente;

6) Famílias no Estágio Tardio da Vida.

Em cada um desses estágios propostos por Carter & McGoldrick (1995), o sistema familiar confronta-se com tarefas específicas daquele momento do ciclo, tarefas estas que devem ser desempenhadas pelos subsistemas conjugal, parental e filial. No primeiro estágio, os jovens precisam adquirir sua identidade de adulto. Para isso, precisam se discriminar e se afastar do núcleo familiar. No segundo estágio, o novo casal irá promover a união de duas histórias diferentes, de dois diferentes sistemas familiares, o que vai fazer com que eles precisem negociar as novas regras que vão estabelecer para o convívio a dois e inúmeras adaptações para estabelecerem a nova vida. No terceiro estágio, com a chegada dos filhos e o estabelecimento da nova família, vão precisar negociar com as famílias de origem novas regras e padrões de relação. No quarto estágio, com os filhos adolescentes, novas negociações se fazem presentes, precisando mudar os padrões de autoridade e o relacionamento entre os subsistemas parental e filial. No quinto estágio, o casal vai ter quer rever a sua relação conjugal e se adaptar à condição de um casal sem filhos. Além disso, necessita saber atender às novas demandas que um filho adulto traz, com a inclusão de novos membros na família. No sexto e último estágio, o casal vai lidar com questões como aposentadoria, a morte de um dos cônjuges, doenças. Essas questões trazem um desafio ao sistema familiar, no sentido de buscar novas formas de interação com os outros subsistemas e um novo funcionamento no sistema atual.

Um estudo brasileiro muito utilizado hoje sobre o ciclo de vida familiar é de Cerveny (1997) que o divide nas seguintes fases:

1) A Família em fase de Aquisição, que inclui a escolha do parceiro, a formação de um novo casal, a chegada do primeiro filho e a vida com os filhos pequenos;

2) A Família em fase Adolescentes, período durante o qual, por um lado, os filhos experimentam a adolescência como período de transição, transformação e mudanças à idade adulta, e, por outro lado, os pais passam a rever sua própria adolescência e os aspectos que podem ser resgatados de uma juventude ainda presente dentro deles;

3) A Família em fase Madura, fase na qual temos os filhos na fase adulta e seus pais também. Esta é a fase mais longa, com a saída dos filhos e a entrada de agregados e netos. Temos nessa fase o início de perdas e cuidados com a geração anterior, além do preparo para aposentadoria e o cuidado com o corpo pelo envelhecimento. Nesse momento a casa fica cheia e não é o ninho vazio;

4) A Família em fase Última, o envelhecimento como é vivido e planejado. Nessa fase o casal fica sozinho. A qualidade e as características dessa fase são uma consequência de como foram vividas as fases anteriores. É a fase da colheita por isso mesmo e a fase da viuvez.

Tendo em vista esses estudos sobre o ciclo de vida da família, o que podemos pensar sobre os casais sem filhos? Onde eles estariam em relação a essas teorias discutidas anteriormente? Eles estão, a princípio, no primeiro estágio ou fase proposto. E como será o desenvolvimento desses casais? Eles teriam um ciclo de vida diferente dos casais com filhos?

Carter e McGoldrick (1995), a partir do estudo feito nos Estados Unidos com população branca de classe média americana, dizem que o

casamento sem filhos muitas vezes parece trazer poucas mudanças para o marido e/ou a esposa que acabam mantendo seus relacionamentos e interesses de solteiros e utilizam o tempo seguindo suas próprias vidas. Para elas, a chegada de um filho faz com que todos os membros existentes na família avancem um grau no sistema de relacionamentos. Dessa maneira, dá-se um realinhamento vertical da nova família com a família ampliada. Os casais sem filhos, portanto, não têm uma mudança na lealdade da família de origem para a nova família, e as famílias permanecem fundidas. Essas autoras mostram que a transição para a paternidade e a maternidade é uma transição chave no ciclo de vida familiar normativo e para a transição do casal para o mundo adulto, na medida em que o filho é visto como uma possibilidade de crescimento e desenvolvimento do casal.

2.1 Pesquisas acerca do Ciclo de Vida do Casal

Iremos apresentar algumas pesquisas realizadas com casais sem filhos ao longo do ciclo de vida tema de nosso trabalho.

Vailati (2001), na sua dissertação de mestrado intitulada “ Casais sem filhos: A fertilidade frente à infertilidade”, se propôs a investigar como se constrói a conjugalidade num casal sem filhos por problemas de infertilidade. A conjugalidade é aqui entendida como o modo como o casal configura a sua relação, num espaço de construção conjunta, em que cada um dos elementos é parte desse conjunto. Para desenvolver esse estudo Vailati (2001) utilizou a análise de conteúdo das entrevistas feitas com 3 (três) casais heterossexuais, pertencentes à classe média, brancos, que não tiveram filhos.

A partir da análise feita conclui que os casais estão em três movimentos diferentes na construção da sua relação conjugal.

O primeiro movimento, que a autora chamou de esperança, se caracteriza por ter o filho como parte do imaginário do casal. É ele quem dá sentido à relação do casal. Ele sempre existe mesmo estando ausente. É ele quem traz felicidade e sentimento de completude para o casal. A infertilidade é vivida como algo passageiro e facilmente contornável. A dinâmica relacional pressupõe a existência do filho. O casal parece ter pouca flexibilidade para se reorganizar, para lidar com a falta do filho.

O segundo movimento, Vailati (2001) chamou de desesperança. O casal está vivenciando um luto por todas as perdas que essa problemática lhes traz, como a falta do filho, a perda da parentalidade e da perpetuação de sua história, na medida em que não poderá haver a transmissão do seu legado pessoal e familiar. O filho está presente no imaginário desses casais e a concepção de família pressupõe a existência dele, mas podemos perceber uma certa ambivalência de sentimentos quanto à presença do filho. A infertilidade é vivida com sentimentos como impotência, frustração, fracasso, inadequação, incapacidade pessoal, social e profissional, insegurança, revolta, dentre outros. Quanto à dinâmica relacional vemos que o casal fez um conluio no sentido de permanecer ainda muito infantil, prevalecendo o papel de filhos em detrimento de todos os outros. A relação conjugal se tornou um abrigo, não favorecendo um crescimento e desenvolvimento do casal. As negociações estão em suspenso, com a impossibilidade de readaptar as regras, os papéis e as funções estabelecidas de quando se casaram.

O terceiro e último movimento Vailati (2001) chamou de a busca da fertilidade frente à infertilidade que se faz presente. Aqui, o casal já passou pela vivência do luto e está em busca de uma reorganização e resignificação da sua relação conjugal sem a presença do filho. O filho traz alegria e trabalho, mas não é tudo na vida de um casal. Os desejos, as alegrias e as realizações do casal estão depositadas em outras atividades, tais como: a vida profissional, o trabalho voluntário, viagens, estudos e o próprio relacionamento do casal. Procuram outros meios para exercer a parentalidade. A infertilidade tem um caráter de fertilidade. O casal busca novos objetivos, um novo sentido para o seu sistema relacional, transformando assim, o que é infértil, numa fertilidade da vivência conjugal. A conjugalidade pode ser um terreno fértil que permite a expansão, a transformação, o crescimento dos dois companheiros e a conquista dos seus potenciais.

A conclusão é que a infertilidade contém a fertilidade e assim, reciprocamente, sendo que ambas estão presentes na conjugalidade desses casais. Eles necessitam flexibilizar as suas relações, renegociar os acordos estabelecidos anteriormente, para encontrarem novas motivações, para crescerem e se desenvolverem enquanto um casal sem filhos.

Hintz (1999) realizou um estudo sobre o ciclo de vida dos casais, que iremos apresentar. Afirma que o casal, do ponto de vista evolutivo, desenvolve-se por meio de etapas fundamentais que seguem uma sequência básica, mas estas se sobrepõem ou seguem uma alternância que não nos permite identificarmos com clareza. Esse é um processo onde não há um fim determinado, existindo sempre a possibilidade de mudanças.

Nele, o já conhecido pode ser substituído pelo novo, num contínuo desenvolvimento do relacionamento.

A autora chamou a primeira etapa de enamoramento. Essa fase do relacionamento é marcada pela forte atração que um sente pelo outro, pelo desejo mútuo compartilhado, desejo a partir do qual os cônjuges querem tornar-se apenas um só.

“Torna-se evidente a necessidade de que o sentir, desejar, compreender seja único e harmonioso. Não há espaço para as diferenças. Estas quando surgem, são imediatamente negadas ou desconsideradas, a fim de que nada afaste um do outro... É u estado de completa paixão” (Hintz, 1999, p.33).

Nessa etapa temos o sentimento de fusão, onde os parceiros, na busca de uma maior intimidade, chegam inclusive a se afastarem de seus familiares e amigos. Nesse momento novos valores são adquiridos e há um processo de transição “do si mesmo” para o “nós” formando-se a “identidade do casal”.

Para que o relacionamento aconteça, faz-se necessário estabelecer uma ligação entre os objetivos e expectativas internas com a realidade externa. Caso contrário, o sentimento de fusão fica tão intenso, que cada membro do casal pode perder a sua individualidade, levando a uma dependência muito grande entre eles e a um sentimento de perda muito intenso.

Cada membro do casal pode querer encontrar no outro aquilo que não conseguiu satisfazer nas suas primeiras relações, mas quando isso não se efetiva, pode trazer um sentimento de raiva muito grande do outro e também desilusão.

Isso também acontece se por acaso um faz do outro o provedor da sua auto-estima, mas não consegue suprir esta necessidade. Essas duas situações podem trazer conflitos para o casal.

A segunda etapa a autora chamou de estabelecendo diferenças. Nesse momento, os parceiros começam a pensar de forma diferente um do outro. Começam a demonstrar seus próprios sentimentos e os conflitos se tornam aparentes. Nessa etapa, a capacidade de negociação de cada membro do casal é bastante importante, pois cada um precisa perceber como o outro é na realidade, o que pode se esperar dele, e o quanto um vai corresponder às expectativas do outro, além de tentarem se adequar ao que cada um deseja e espera do outro. Tudo isso acontece dentro dessa etapa com momentos de desilusão, pois os cônjuges idealizavam um ao outro e vão precisar desfazer essa imagem, o que acarreta em dor e sofrimento para ambos.

A diferenciação em relação à família de origem também é importante nessa fase. As diferenças que aparecem nesse momento, podem ser sentidas como ameaçadoras e como falta de amor entre os cônjuges, o que pode levá-los ao desejo de retornarem a fusão presente na etapa anterior. À medida que o casal vai conseguindo lidar com as diferenças um do outro, eles poderão alcançar um período de estabilidade e fortalecer o relacionamento, para passar às novas etapas.

A terceira etapa chama-se relações de poder. Nessa etapa temos uma evolução diferente de cada um dos parceiros.

Um deles busca uma maior independência, já não realizando todas as atividades em conjunto com o outro, ou em função um do outro, procurando novas experiências, sem incluir o outro parceiro.

Mas, o outro parceiro ainda não atingiu o mesmo grau de independência, o que o faz sentir essas mudanças do parceiro como ameaçadoras à continuidade do relacionamento. Nesse momento temos a presença de uma intensa ansiedade por parte deste parceiro que não atingiu a independência, com medo do rompimento da relação. Estabelece-se muita tensão entre os dois cônjuges e muitos conflitos. A comunicação entre eles está embasada nas relações de poder, sendo que um sempre está se posicionando contra os desejos, pensamentos e sentimentos do outro. A comunicação entre eles acaba ficando truncada, pois um tem dificuldade para escutar o outro e compreendê-lo.

Nessa etapa há a presença de um afastamento emocional entre os parceiros, pois aquele que busca a independência já não consegue ouvir os pedidos do outro cônjuge, não querendo mais permanecer numa relação que já não o satisfaz. Aqui, nesta etapa, aparece uma possibilidade maior de que as separações ocorram.

A etapa seguinte chama-se estabilidade. Nesta, temos a descoberta de quem é essa pessoa na realidade externa. Cada um dos parceiros acaba se voltando mais para o mundo externo, na busca de uma identidade como indivíduo, fora do relacionamento do casal.

O casal começa a investir nas suas necessidades dirigidas ao mundo externo, para se reconhecerem como indivíduos, dando uma maior estabilidade para a relação.

Caso o casal não tenha atingido, nas fases iniciais, uma cumplicidade e intimidade adequada, poderá aqui enfrentar dificuldades em seu relacionamento. Pelo fato do casal estar buscando suas realizações pessoais, pode se descuidar da identidade do casal, o que levará a ter dificuldade para enfrentar as contrariedades que podem acontecer.

Mas se o casal tiver a certeza do que um representa para o outro, se respeitarem as individualidades e conseguirem buscar em si mesmos os recursos para a manutenção da auto-estima, esta etapa será vivenciada pelo casal de modo mais tranquilo, tendo uma realização pessoal satisfatória e fortalecendo a cumplicidade entre eles.

A última etapa, a autora chamou de comprometimento. Nesta, os cônjuges não estão mais interessados em suprir as idealizações do parceiro, apresentam uma maior cumplicidade, conseguindo dizer um ao outro o que pensam e sentem, sem medo do rompimento da relação. *“Os parceiros evoluindo para esta etapa, conhecem-se tanto como indivíduos independentes quanto como casal. O EU e o NÓS co-existentem em harmonia”* (Hintz, 1999, p.39).

O casal consegue negociar melhor os seus problemas, tendo um repertório maior para que as mudanças ocorram sem ameaçar a relação.

Há um investimento emocional maior na relação, e uma capacidade de dar-se, despojada de outros interesses.

Nessa etapa os cônjuges conseguem enfrentar suas dificuldades de modo mais criativo, fazem as suas escolhas de forma a proporcionar um conviver mais agradável e profundo, sendo ambos responsáveis pela relação.

“A identidade do casal é colaborativa. A minha e a tua maneira de fazermos as coisas tornam-se a nossa maneira” (Hintz, 1999, p.39).

Capítulo 3 - Método

O método de pesquisa é um conjunto de técnicas e procedimentos utilizados para se coletar e analisar os dados (Strauss & Corbin, 1998). Ele nos fornece os meios pelos quais iremos alcançar o objetivo do nosso trabalho.

A abordagem metodológica adotada neste trabalho foi a qualitativa, que nos traz uma ampliação, na medida em que interpretamos os fenômenos que estudamos, na busca de novas significações. A pesquisa qualitativa traz a possibilidade de o pesquisador estar dentro da realidade que ele está estudando, a captar os significados dos fenômenos e compreendê-los melhor. O observador interfere nos fenômenos que irá estudar e é influenciado por eles. Portanto, podemos dizer que não existe um mundo a ser descoberto, e sim um mundo a ser co-construído.

Denzin e Lincoln (2000) argumentam que a pesquisa qualitativa abarca uma abordagem interpretativa e naturalista de seu objeto de estudo. Pesquisadores qualitativos estudam as coisas em seu cenário natural, pretendendo compreender e interpretar o fenômeno em termos de quais os significados que as pessoas atribuem a ele. Para esses mesmos autores, a pesquisa qualitativa é um processo onde se estabelece uma interação entre a história de vida pessoal do entrevistador com a do pesquisado, buscando-se uma compreensão profunda do fenômeno a ser estudado.

Numa pesquisa como esta que desenvolvemos, a análise não pode ser feita com simplicidade, uma vez que os dados nela contidos expressam a complexidade inerente às vivências humanas.

A estratégia metodológica utilizada foi a da história de vida individual e conjugal. A história de vida oferece informações e documentação acerca da experiência social, da ideologia e da subjetividade. Permite a revelação da estrutura e da dinâmica presente nas instituições sociais, pois se refere às fases da vida social ao longo do tempo. Fornece um estudo apropriado do indivíduo e da sociedade, já que há uma recursividade entre estes dois níveis de experiência.

A história de vida permite ainda a apresentação do desenrolar de uma experiência particular de vida ao longo dos anos e pode ser utilizada para mostrar como uma pessoa é influenciada por sua época e como colaborou para dar forma a ela.

Uma vida individual e o papel que ela desempenha na comunidade mais ampla são mais bem compreendidos por meio da história de vida. As pessoas se tornam completamente conscientes de suas próprias vidas mediante o processo de articulá-las no formato de uma narrativa. É dessa forma que a história é contextualizada e adquire um significado reconhecido pelo seu produtor. Narrar a própria vida permite ao sujeito ser ouvido, reconhecido e apreciado pelas demais pessoas. Por ter essas características, pensamos na história de vida que poderia permitir identificar os eventos significativos para os casais estudados segundo seu ponto de vista.

3.1 Participantes

O grupo de participantes que compôs o material empírico desta pesquisa é formado por 03 (três) casais heterossexuais que não tiveram filhos.

Os 06(seis) entrevistados residem em São Paulo, tem entre 46 e 56 anos, estão casados há mais de 25 anos, todos tem formação universitária, sendo dois engenheiros, um médico psiquiatra, uma fisioterapeuta, uma psicóloga e uma professora universitária. Os critérios de inclusão utilizados foram: a faixa etária considerada foi a de casais que não estão em idade fértil e casados.

Os casais participantes desta pesquisa são pessoas indicadas por profissionais da rede de relações do pesquisador. Cabe aqui salientar que este modo de selecionar os sujeitos desta pesquisa tem sido explorado e pensado por alguns cientistas sociais.

3.2 Procedimento

Nossa primeira aproximação com o casal se deu via telefone.

As entrevistas foram realizadas com dia e horário determinado, segundo a disponibilidade do casal e do pesquisador. O local das entrevistas foi decidido conforme o mais conveniente para o casal, sendo em sua residência, no seu consultório, e na universidade em que um dos membros do casal leciona.

Ressalta-se que o ambiente onde se deram as entrevistas apresentou as condições físicas necessárias para os entrevistados sentirem-se confortáveis para falar sobre o tema proposto, bem como a manutenção de sua privacidade, uma vez que as informações por eles fornecidas deverão permanecer em sigilo.

Elas foram gravadas visando a manter o máximo de fidelidade às expressões dos entrevistados, sendo depois transcritas para se realizar a análise de seu conteúdo.

Os objetivos do estudo foram explicitados e a possibilidade de interrupção, quando o participante desejasse foi apresentada. Solicitou-se a assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido acrescendo-se que o trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP tendo sido aprovado com Protocolo de número 011/2010.

As entrevistas foram feitas com cada um dos membros do casal em separado num primeiro momento, e depois com o casal conjuntamente. Deste modo pudemos ter a história de vida de cada um e depois a história de vida do casal, para levantarmos as repercussões na vida do casal por eles não terem filhos.

3.3 Instrumento

O instrumento utilizado foi a história de vida (ou biografia) que permite ao pesquisador trabalhar somente com entrevistas abertas ou, caso avalie ser necessário, dirigi-las para focos específicos de interesse. Nessa perspectiva, permiti-se ao entrevistado que conte sua história e, simultaneamente, pode-se realizar intervenções que o auxiliem a manter o rumo do relato, apreendendo situações particulares, ações e sentimentos.

Na entrevista de história de vida pede-se ao participante que apresente, em uma narrativa improvisada, a história de sua vida ou a história de um tema de interesse do qual ele tenha participado ou vivido. A tarefa do entrevistador é fazer com que o participante conte essa história de modo consistente, com todos os eventos relevantes, do início ao fim.

Plummer (2001) afirma que a grande vantagem da entrevista de história de vida é que ela é um processo, ou seja, nunca está completamente pronta. Sendo assim, o pesquisador deve estar preparado para retornar e fazer novas perguntas ou esclarecer pontos vagos ou obscuros.

Para compreender o processo do casal foi utilizado como instrumento a “Linha de Tempo Familiar” (Cerveny, 1994) segundo o qual fizemos com o casal uma linha horizontal onde eles colocaram as datas e os fatos importantes de suas vidas. Nós traçamos uma linha e perguntamos: Em que ano começa esta família? Em que data começa a história de vocês? Segundo Cerveny (1994), esse é um instrumento que pode mostrar uma maior riqueza na cronologia dos fatos e uma identificação por parte do casal dos momentos de estresse e de grandes acontecimentos.

Capítulo 4 – Análise dos Resultados

Para respondermos ao nosso objetivo que é compreender as repercussões da ausência de filhos na relação conjugal, estabelecemos algumas categorias de análise, que emergiram dos dados colhidos nas entrevistas.

Apresentaremos a seguir as categorias de análise estabelecidas, a saber:

1. A formação do casal
2. As Consequências

A FORMAÇÃO DO CASAL

A família e a conjugalidade são um processo e têm um movimento razoavelmente previsível que passou a ser denominado ciclo vital familiar. Embora haja vários modelos de ciclo vital familiar (Carter e McGoldrick, 1995; Falicov, 1991; Cerveny, 1997), todos os autores proponentes desses modelos concordam que o primeiro movimento refere-se à sua formação, que se inicia no enamoramento, e que continua com o compromisso e adaptações como casal e sua inserção no mundo das famílias de origem e amigos. Também se considera que o nascimento dos filhos marcará uma transição importante no conjunto geral de relações, bem como que o não nascimento dos filhos terá implicações significativas nesse movimento, embora pouco delimitadas. É esse, exatamente, nosso objeto de interesse.

A primeira categoria de análise que construímos, A formação do casal, refere-se a esses dois primeiros movimentos do ciclo vital familiar.

Para sua construção levamos em consideração tanto os resultados obtidos nas linhas de tempo dos casais, construídas em conjunto, quanto a análise dos resultados das entrevistas, realizadas individualmente. A seguir apresentamos as subcategorias identificadas.

Apaixonar-se

Considerando que trabalhamos com entrevistas de história de vida, chama a atenção, inicialmente, como as narrativas são elaboradas no sentido de relato das fases de enamoramento, ressaltando o conteúdo emocional e o grau de atração, que nos conduziu ao modelo de Hintz (1999), a única autora que identificamos ter realizado um estudo sobre o ciclo de vida dos casais. Observamos, em nossas entrevistas, relatos semelhantes aos obtidos por essa autora, no sentido de que essa fase do relacionamento é marcada pela forte atração que um sente pelo outro, pelo desejo mútuo compartilhado. As vinhetas abaixo ilustram este movimento

“Eu conheci o R. no pronto socorro do hospital, eu namorava na época um cara há cinco anos eu estava terminando a faculdade em 1981 em julho, em junho um estágio da faculdade no P.S que a gente atendia tentativas de suicídio. Eu conheci o R. porque eu fui procurar um médico porque tinha uma tentativa de suicídio tinha feito lavagem estomacal e estava dormindo então eu queria conversar com o médico pra saber quais informações e o médico era o R. e aí a gente meio que se encantou, foi interessante porque foi o café mais demorado que a gente tomou que eu tomei naquele pronto socorro horroroso...”

aí nós namoramos dois anos e meio mais ou menos e resolvemos casar”

(Mulher-Casal Ricardo e Leyla)

“Inicialmente era para ir para a caverna e que mudou em cima da hora e fomos pra montanha fomos para Itatiaia estava com essa turma lá no passeio comecei paquerando um ..., aí falei a mais o barão também aí começou aquela jogação de charme e então foi isso. Nós nos conhecemos na caverna mais a semente, a frescurada toda foi jogada na montanha. Aí de namoro até casar foram uns três anos” (Mulher- Casal Clárisse e Leandro)

“Aí eu namorei um bom tempo uma menina que era muito amiga da E., e depois eu resolvi parar mesmo e aí comecei a me interessar, porque a gente convivia, estudava próximo também na Vila Mariana, e aí de repente começamos a namorar, de repente não, a gente começou a trocar olhares e tudo, e começamos a namorar e dois anos e meio mais ou menos a gente decidiu casar, começamos se preparar pra casar...” (Homem-Casal Eliana e Roberto)

Ainda segundo Hintz (1999), a forte atração permite uma transição “do si mesmo” para o “nós”, formando-se a “identidade do casal” que, ao sobrepujar a demanda de fusão, permite o segundo movimento, ou seja, o estabelecimento de diferenças. O respeito às diferenças e a capacidade de negociação de diferentes objetivos aparecerão como marcas dos casais estudados, que emergirão em momentos sucessivos de seu longo relacionamento como uma certeza de que vale a pena viver juntos.

O excerto abaixo elucida essa certeza, que será testada em sucessivos momentos de crise posteriormente vividos.

“Então o R. conheci na comunidade de jovens, quando fui pra comunidade de jovens ele estava lá, aí a família inteira dele são dez irmãos e todos participavam na comunidade de jovens, os pais também eram bastante engajados naquela igreja... a gente namorou dois anos e pouco até casar, a gente começou a namorar em 1982 e casou em 1984, março 82 e casamos em dezembro 84, um ano depois que a gente tava formado... É foi meio que, bom primeiro que eu nunca me pensei namorando com ele, foi algo que aconteceu, aí a gente foi se conhecendo melhor, tudo, foi vendo que tinha bastante consonância naquilo que a gente queria, naquilo que almejava pra ter junto.”

(Mulher- Casal Eliana e Roberto)

No modelo de Hintz (1999), à medida que o casal é capaz de dar conta das diferenças um do outro, eles podem alcançar um período de estabilidade e fortalecer o relacionamento, para passar às novas etapas. Os casais entrevistados se permitiram um período de 2 a 3 anos de convivência antes de tomarem a decisão de viver juntos. Narram pouco o que ocorre depois do enamoramento inicial e tendem a identificar, como importante, a decisão de viverem juntos e a organização do espaço material para conviverem. Ressaltamos que não há discordância entre os casais em suas narrativas e que as linhas do tempo elaboradas em conjunto, muitas das vezes reforçam essa perspectiva de construção do espaço conjunto, a casa que alocará a nova

relação conjugal. Os comentários abaixo referem-se à construção conjunta da linha do tempo do casal.

“... aí nós namoramos dois anos e meio mais ou menos e resolvemos casar e aí tem outro fato interessante que a gente resolveu casar meio, a gente tinha resolvido se juntar na época isso estava acontecendo com uma certa frequência e aí então vamos conversar com os nossos pais sobre isso, falar com a minha mãe o R. foi falar, minha mãe ouviu o que eu falei passou um dia, falei com ela um dia a noite aí no outro dia a noite ela chegou me chamou de lado e falou L. quero falar com você, olha você não precisa casar na igreja mas eu quero que você assine aquele papel eu quero que você se case no civil montamos o apartamento e aí a vida começou a dois.” (Mulher-Casal Ricardo e Leyla)

Para começar a nova relação conjugal, eles se preocuparam em prepararem a casa, fazendo uma reforma para abrigar de maneira mais confortável e mais prazerosa essa nova relação.

“Eu conheci, namorei e me casei com a C., nós fomos morar numa casa que ela tinha comprado há uns anos antes, passamos vários anos reformando a casinha até ficar no padrão, nos casamos e eu mudei para lá finalmente.” (Homem-Casal Cláisse e Leandro)

“Aí de namoro até casar foram uns três anos, mais assim três anos porque na verdade depois de um ano e meio a gente sentiu que puxa vida vamos tentar essa coisa, e aí entramos numa reforminha da casa, a casinha que eu comprei.” (Mulher- Casal Cláisse e Leandro)

Acomodando as Individualidades

O terceiro movimento dos casais, no modelo de Hintz (1999), chama-se relações de poder. Esse movimento se refere à acomodação e à evolução diferente de cada um dos parceiros, o que permite a passagem para a etapa seguinte, denominada estabilidade.

A capacidade de lidar com as diferenças na carreira e no desenvolvimento profissional marca a vida dos casais que entrevistamos. Nessa categoria cabe ressaltar o movimento inicial expresso, tanto na construção do espaço da casa, como até em mudanças simples, para acomodar os anseios de ambos e suas carreiras, destacando o fato de que, em todos eles, o desenvolvimento profissional é fundamental antes e durante o relacionamento conjugal. Retomamos apenas alguns dados de identificação dos casais para destacar esse fato.

"Eu comecei a trabalhar como médico após, quer dizer no final da residência eu comecei a trabalhar como médico ... em consultório particular mas eu sempre me mantive ligado ao hospital X e minha vida sempre girou muito em torno da medicina, da carreira, e assim por diante até hoje eu sou ligado ao hospital X. Tenho meu consultório mas trabalho na Faculdade Y que é onde eu tenho uma carreira um envolvimento profissional muito intenso, muito grande." (Homem – Casal Ricardo e Leyla)

"Bom, no trabalho sempre foi uma coisa importante, gostosa, porque acho importante, mas a gente não pode só trabalhar também né, começamos

humildemente, na época em que eu comecei a namorar com ele, eu tava deixando, deixei de ser uma pessoa empregada no hospital, então com salário e tal pra ser autônoma, e então passando por autos e baixos até me estruturar, ele já trabalhava como te falei, em área de pesquisas, então não tinha assim, grande renda... (Mulher-Casal Cláisse e Leandro)

"Eu fiz as opções que me pareceram corretas na cabeça de não seguir o que meus colegas eram obrigados a seguir quando se formaram que era ir pro mercado financeiro que era a única coisa que existia na época. Na década de oitenta que a crise era muito grande, eu continuei com pesquisa e desenvolvimento que também foi uma aventura de 11 anos fiz coisas interessantíssimas lá que não posso descrever minimamente porque é difícil de acompanhar, mas foi um período intenso e também muito interessante e que pagou muito pouco mas foi muito interessante; saí de lá porque fui impulsionado por dentro para seguir uma carreira, dar um passo na carreira, ai a carreira começou a misturar-se com a vida das coisas passam a andar mais ou menos junto..." (Homem-Casal Cláisse e Leandro)

Em termos gerais, observamos que os casais entrevistados contam onde se conheceram, quantos anos namoraram até decidirem se casar. Todos se conheceram em lugares com que eles têm afinidade, tanto profissional, como de lazer ou religiosa, o que reforça a idéia de compartilhamento. Os três casais não nos relatam claramente as adaptações iniciais que fizeram, os ajustes frente às normas que precisaram estabelecer, as regras do casal, o afeto envolvido, conforme seria esperado em um modelo

como o do ciclo vital de Carter e McGoldrick (1995). Mas, usando a perspectiva de Hintz (1999), podemos deduzir que a conjugalidade se desenvolveu de maneira funcional, de forma a acomodar o alto nível de individualidade, principalmente no que se refere ao desenvolvimento profissional. Como descreve aquela autora, não se trata de pensar nos casais como ultrapassando fases, mas como respondendo a demandas que se expressam sistematicamente, o que observaremos também na próxima categoria.

Expectativa de ter Filhos

Dos três casais entrevistados, dois deles esperavam ter filhos e o terceiro optou por não tê-los. Esse era um desejo dos casais já expresso na fase do namoro. Os primeiros dois fizerem tentativas mal sucedidas, que serão narradas posteriormente, embora desejassesem ter filhos.

“Eu uma vez falei e ele falou assim – há mas isso aí é uma coisa que Deus é que decide se vai ter, num vai isso aí a gente pensa depois não tem que pensar agora, sei lá vai ver que na casa dele tinha muito filho já, na minha não tinha nenhum, e aí nunca pensamos isso.”(Mulher-Casal Eliana e Roberto)

O terceiro casal optou por não ter filhos, sendo esse um acordo desde o namoro.

“mas ele me falou que desde a adolescência ele sentia que ele não queria passar pela paternidade... desde que eu comecei a morar sozinha tocar minha vida social e profissional eu nunca parei para pensar se eu ia casar se eu não ia, ... eu achava uma maravilha morar sozinha, achava delicioso... eu só tinha

assim a certeza que se algum dia eu me unir a uma pessoa que quisesse ter filho eu seria suscetível” (Mulher – Casal Cláisse e Leandro)

Os eventos impossibilitadores

Dos três casais entrevistados, com dois deles as mulheres tiveram problemas para engravidar e a terceira optou por não ter filhos, mas acabou tendo problemas também. Uma delas chegou a engravidar duas vezes, mas na primeira teve uma gravidez ectópica e na segunda vez, o bebê morreu dentro dela, causando a necessidade de uma curetagem. Essa mesma mulher submeteu-se a um tratamento para infertilidade, sem sucesso. Depois dessas tentativas mal sucedidas, o casal desistiu de tentar novamente.

“... quando a gente começou mesmo a fazer o pré-natal tudo direitinho pra fazer as coisas não deram muito certo. Eu tinha uma gravidez ectópica que foi um susto porque eu nem sabia que estava grávida. Estava num congresso voltei do congresso aí comecei a passar mal ... aí perdi uma trompa. Quando fui fazer o exame da outra trompa ela estava obstruída também. O cara que fez o exame era amigo nosso. Eu senti que fez um pouco mais de força e ligando o exame com o contraste ele acabou desobstruindo a trompa. Dali exatamente um ano eu engravidiei aí eu perdi com três meses na barriga ... o bebê estava morto. Nossa foi um choque aquilo foi horrível ... choramos pra caramba os dois juntos lá no estacionamento do lugar ... aí fez a curetagem leve porque como vocês estão tentando ter pra não estragar demais a parede do útero... eu tive uma hemorragia lascada, me fechou com um coágulo dentro foi outro susto... .

A gente tentou fazer uma fibe ... ela não deu certo aí eu estava meio cansada e a gente concluiu olha vamos parar que não deu, vamos dar um tempo e nessa a gente está dando um tempo até hoje.” (Mulher – Casal Ricardo e Leyla)

Outra mulher teve um mioma e, por esse motivo, teve que passar por uma histerectomia, não podendo mais engravidar.

“...e depois que eu vi que tinha mioma e ai não pude ter filho, eu tive que fazer uma histerectomia quando a gente tinha quatro anos de casado, a gente tava tentando ter filho, mas ai eu sangrei e fui ver o que era e se descobriu o mioma, mas eu sempre acompanhei sempre fiz, sempre tive dores, mas nunca acharam nada no ultrassom, aí naquela época é que achou quando sangrou tava bem grande, tinha 11 cm X 11 cm, eu já tava super anêmica, foi bem difícil, porque ainda era época que não tinha segurança de fazer transfusão de sangue, não pude fazer transfusão fiquei com hematoctomoglobina super baixa, não podia pegar nenhuma infecção, tive que esperar me recuperar pra poder voltar, tinha que ficar de repouso absoluto então foi uma época que minha mãe ia direto lá pra casa, ficava durante o dia lá, e depois a noite quando o R. chegava ela ia embora, porque não tinha como, podia levantar pra fazer nada, porque sangrava muito.” (Mulher – Casal Eliana e Roberto)

A mulher do casal que optou por não ter filhos acabou tendo um mioma e também precisou submeter-se à histerectomia, não podendo mais engravidar.

“Só que daí meses tava claro que eu tinha que operar por causa dos meus miomas, aí eu fiz histerectomia pra acabar, resolver o problema porque os meus miomas progrediram... nesse aspecto não foi problema.” (Mulher-Casal Clarisse e Leandro)

Os efeitos iniciais

Ter filhos é considerado um evento central no ciclo vital individual e familiar. A transição para a paternidade e a maternidade é uma transição chave no ciclo de vida familiar normativo, bem como para o ingresso do casal no mundo adulto, na medida em que o filho é visto como uma possibilidade de crescimento e desenvolvimento do casal. Os pais são importantes para o desenvolvimento das crianças, mas os filhos também o são para o casal. (Carter, 1995)

Quanto à expectativa de ter filhos, observamos que cada casal acabou lidando de maneira positiva com essa impossibilidade. Esse resultado contraria observações descritas na literatura. Segundo essas descrições, a impossibilidade de ter filhos gera no casal sentimentos de impotência, frustração, fracasso, culpa, vergonha, vazio, podendo, até mesmo, abalar profundamente o auto-conceito dessas mulheres (Yin,1987). As mulheres podem ficar mais ansiosas, depressivas, sentem mais solidão, menos satisfação em relação à vida (Callan & Hennessey,1988). Os homens podem apresentar sentimentos como desânimo, desesperança, impotência, incapacidade. Além disso, essa situação pode levá-los a ter dificuldades nos planos sexual, financeiro, da comunicação e emocional (Menning,1988).

Mas, o que observamos nos casais entrevistados não corresponde a essas predições, provavelmente devido às especificidades de seus projetos de vida.

Entre os três casais entrevistados, no caso de dois deles, as mulheres apresentaram sentimentos ambíguos sobre a possibilidade ter filhos pois, se por um lado tinham medo de ter filhos, por outro gostariam de tê-los. Já os homens, por sua vez, queriam ter filhos, o que indica uma diferença de gênero.

“Foi um problema aí um problema entre a gente porque eu sempre senti que a L. não queria ter filhos. É engraçado porque ela tinha uma... ela sempre teve muito jeito com adolescente, lidar com adolescente, conversar. Até hoje é interessante ela é super querida como tia, mas ela tinha um medo ela não tinha um comportamento que eu via nas outras mulheres que era um comportamento de pegar criança, ir atrás, ela nunca teve isto daí, ...” (Homem-Casal Ricardo e Leyla)

“...e ela também tinha um pouco de medo e tudo, então eu acho que isso ajudou bastante a esse tipo de atitude, eu acho que não dependia só de mim, de eu querer, ela também teria que querer e eu sentia que ela não tava querendo.” (Homem-Casal Eliana e Roberto)

“... a gente estava fazendo um curso de Família com a xxx e quando eu contei pra ela que tinha perdido o bebê ela chegou pra mim e falou não tenha medo, mas eu não tenho medo. Aquilo ficou na minha cabeça porque ela ta falando porque eu não sentia isso...

Hoje eu acho que eu sentia, eu tinha medo não sabia se eu protelei muito por causa desse medo e tinha medo de como que eu vou criar esse filho, não sei apesar de ter tido uma vida legal em casa eu tinha muito medo acho de ter um filho.” (Mulher – Casal Ricardo e Leyla)

Vemos, a partir dos relatos, que as mulheres estavam ambivalentes em relação a ter filhos, com sentimentos conflituosos e contraditórios. Isto porque, se por um lado os filhos lhes trariam satisfação, por outro lado lhes evidenciariam a transitoriedade de sua própria vida e presentificariam a renúncia a alguns aspectos de sua vida. Embora dois dos homens tivessem expressado o desejo de ter filhos, pelo menos nas entrevistas, eles manifestaram a aceitação das limitações de suas companheiras. No cômputo geral, esse foi um tema pouco discutido entre os casais. Eles se mostraram silenciosos em relação a ele.

“a gente nunca discutiu acho que isso sempre foi um tema meio complicado pra gente tanto pra mim quanto pra ela a gente nunca conseguiu conversar sobre essas coisas de uma maneira tranquila porque provavelmente é uma coisa complicada pra ela e pra mim, mais também a gente nunca se entusiasmou seriamente com a idéia de adotar...” (Homem-Casal Ricardo e Leyla)

AS CONSEQUÊNCIAS

A segunda categoria de eventos identificada refere-se ao objetivo de nossa investigação propriamente dito. Percebe-se que o não ter filhos terá impacto em todos os âmbitos da vida dos participantes São analisadas, a seguir, as subcategorias identificadas.

Impactos Individuais

O fato de não tratar da perda da possibilidade de ter filhos como um evento conjugal obriga os membros dos casais a tratá-lo como fato individual. Assim, as evidências de enlutamento aparecem como opções individuais.

“durante bastante tempo foi uma coisa difícil pra mim hoje isso é uma coisa mais tranquila não digo que é completamente resolvida mas é mais tranquila não é uma coisa que fico pensando, eu acho que pra mim a vida começa girar em torno de outras coisas, gira bastante em torno do trabalho, gira em torno do relacionamento o relacionamento passa ter uma importância maior, o que é bom e às vezes eu acho ruim também porque tem vezes que eu acho que o filho serve como um ponto de equilíbrio na relação pode também ser encontrado mas eu acho que serve como ponto de equilíbrio que você não fica focado só na relação, você tem outros interesses assim como você ficar só ligado no relacionamento viver em função do relacionamento eu não acho legal..”. (Homem-Casal Ricardo e Leyla)

Não ir ao encontro das expectativas sociais normativas, que assumem o ter filhos como parte da conjugalidade e da vida adulta, também obriga os casais a construírem ou reverem um conjunto de crenças sobre o impacto dos filhos na vida deles. Entre todos os membros dos casais entrevistados, observamos afirmações de que o fato de não terem filhos deixou-os mais egoístas, individualistas e pouco tolerantes a barulhos de crianças. Essas são crenças acerca de si mesmos que podem se referir a características já presentes em sua personalidade. Mas, depois da impossibilidade de engravidamento, essas crenças foram atreladas a esse fato e passam talvez a servir como defesas para indicar que, caso tivessem filhos não seriam bons pais.

“Eu já me pressionei porque eu não quero ter filhos, possivelmente sou individualismo, uma vontade de ter um tempo só pra mim, de fazer as minhas coisas ter o meu tempo, de não me esgoelar e quando voltar para casa não ter que me preocupar com nada. Afetivamente não tenho necessidade de ter uma criança em volta, não vou dizer que não gosto de criança, mas não gosto de criança ranheta, de criança incomodando assim eu realmente não gosto.”

(Homem – Casal Clarisse e Leandro)

“Aí então, a gente se sente assim , num sei se é egoísta, que a gente fala que é egoísta, eu digo que nós somos preguiçosos, nós não quisemos ter o trabalho assim, virar o foco pra outra coisa. Eu tenho certeza que deve ser muito bacana ver o filho e saber como é que é, assim agora o dia-a-dia sempre me apavorou...aí eu fico pensando é que eu sempre parto do princípio que eu

tenho outra coisa para fazer, aí eu falo meu Deus ter que ficar nesse nheco nheco, eu sei que um dia vai ter fim. Mas eu tenho que parar o que eu to fazendo pra me dedicar.” (Mulher- Casal Cláisse e Leandro)

“Somos mais egoístas” (Mulher- Casal Ricardo e Leyla)

Mas, por outro lado, a mulher de um dos casais explicita que esse individualismo levou-os a um certo isolamento.

“Ficamos com baixa tolerância a determinados níveis de desconforto como barulhos, locais movimentados. Ficamos um tanto isolados. Os amigos que tiveram filhos não nos convidam para os aniversários das crianças. Gostamos de receber amigos, porém fazemos menos do que o ideal, acho que por certa preguiça.” (Mulher- Casal Cláisse e Leandro)

O fato de não terem filhos também os liberta para trabalharem mais a individualidade. Podem administrar o tempo da maneira que querem, mostram mais liberdade para fazerem as suas escolhas, têm uma autonomia maior para se dedicarem a outros projetos de vida, como a carreira e o relacionamento. A individualidade é uma característica que também está presente na tarefa de construção compartilhada da linha do tempo, uma vez que nela os casais registraram mais frequentemente eventos individuais do que eventos conjugais.

Nas entrevistas, os casais mostram que se concentraram no seu desenvolvimento profissional, crescendo na carreira, alguns como autônomos e outros empregados.

Dois deles se dedicaram à vida acadêmica, o que pode nos fazer pensar que eles foram desenvolver a função de cuidadores e educadores em outro âmbito. O desenvolvimento profissional, nesses casais, teve uma importância grande, pois foi um meio deles adquirirem um valor social, uma vez que vivemos numa sociedade em que a formação da família e o ter filhos são bastante valorizados. Além disso, a realização pessoal pode ser um meio de compensar a falta do filho. Por outro lado, podemos concluir, a partir das entrevistas feitas, que o desenvolvimento profissional era o maior desejo desses casais. O fato de não terem filhos biológicos e o fato de não terem adotado uma criança favoreceram ainda mais esse engajamento no desenvolvimento profissional.

“Eu não queria ser de uma área técnica, então eu fiz uma pós graduação, e com isso consegui o cargo de gerente numa fábrica aqui perto, numa fábrica norte americana e onde eu passei sete anos, um período bastante interessante, ai eu passei a conviver não com aquela nata de engenheiro e pesquisadores, tratando de assuntos sempre muito refinados e difíceis de entender e passei a lidar com peão de fábrica, com chefe de fábrica, com engenheiros de fábrica, que é uma outra vida, totalmente diferente, me lembro também que durante sete anos foi muito interessante que eu saí de lá. Nessa época eu ganhava muito bem, foi uma época financeiramente muito boa...”

(Homem_Casal Clarisse e Leandro)

“... mas assim então do ponto de vista material nós melhoramos e eu também porque minha vida de consultório tem os sobe e desce como todo mundo e tem períodos melhores e tem períodos piores, mas agora eu to mais velha mais

cansada, mas estou num período bom, um médico me descobriu, quer dizer me conhece desde a época do hospital mas me redescobriu e ele ainda está atuando, então as coisas foram melhorando..." (Mulher-Casal Cláisse e Leandro)

"...e aí lá eu fiquei dez anos e aí foi quando eu decidi que estava de saco cheio fazendo só isso queria ir pra outro lugar não sabia o que e aí eu encontrei um amigo meu padre e que me falou da área que eu estou agora aí ele me apresentou eu me apaixonei e vim pra vida acadêmica, e aí acho que foram essas coisas." (Mulher-Casal Eliana e Roberto)

Podemos observar, a partir do relato dos entrevistados, que o desenvolvimento profissional se deu de modo intenso, o que os levou a serem bem sucedidos na carreira e financeiramente. Esse é um aspecto contrário ao que se vê na literatura, como já argumentado anteriormente. Além disso, cabe ressaltar a grande possibilidade que eles têm de fazer mudanças profissionais individuais sem afetar a conjugalidade. Sendo assim, podemos dizer que a conjugalidade desses casais abarca os aspectos individuais.

Impactos na Conjugalidade

O relacionamento conjugal contemporâneo enfatiza mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Por outro lado, o casal precisa estabelecer o que se chama de identidade conjugal. A relação conjugal, para continuar existindo, deve ser prazerosa para os membros do casal.

Portanto, podemos considerar que, novamente o casal está diante de um paradoxo: por um lado, se se valoriza o espaço individual de cada membro, acabando por fragilizar o espaço conjugal, por outro, para o casal fortalecer a conjugalidade, ele precisará ceder diante das individualidades.

Vemos, pelos depoimentos dos entrevistados, que a relação conjugal tem uma funcionalidade capaz de dar conta de situações como desemprego e mudança de área de trabalho, sem trazer prejuízos para a relação. Eles mostram que as mudanças na carreira de um podem levar a mudanças na carreira do outro, trazendo realizações pessoais para ambos. Eles planejam a vida em conjunto e se apoiam mutuamente nas mudanças que fizeram, especialmente profissionalmente. Eles respeitam a carreira um do outro, mesmo que isso traga um ônus para a relação conjugal, como, por exemplo, o distanciamento, no caso de um dos casais, em que cada um dos membros vive numa cidade diferente.

“...quando a gente foi pro Estados Unidos morar lá juntos, foi um momento importante né que foi em 1986 então a gente foi, ficou seis meses lá. O R. trabalhava numa multinacional americana. Já tinha dado dois anos que eu tava trabalhando tava de saco cheio daquele trabalho, acho que foi a primeira vez que eu questionei se eu queria continuar na mesma profissão, a primeira e a única, aí eu vendi meu carro e fui pro Estados Unidos. Pedi demissão do emprego onde eu era concursada e fui. Aí fiquei lá seis meses, fiz estágio, estudei inglês, aprendi outras coisas voltei e tinha decidido trabalhar meio período, mais aí não consegui e voltei a trabalhar o dia inteiro, voltei a trabalhar

na enfermagem, tentei trabalhar em tradução...” (Mulher- Casal Eliana e Roberto)

“O R. saiu da empresa onde ele tinha trabalhado desde que a gente se casou, foi trabalhar numa outra, ficou desempregado depois de mais de dez anos ele ficou desempregado uns dois meses mais os menos até conseguir uma recolocação e aí depois ele foi trabalhar nessa empresa onde ele está, nessa empresa onde ele está foi um evento que marcou porque eu é que achei o anúncio no jornal e acabei meio que facilitando dele estar lá.”(Casal- Eliana e Roberto)

“Eu já avisei que tudo pode acontecer nos próximos dias, eu ser mandado de volta, eu ser enviado para algum outro lugar do interesse da empresa e topo qualquer uma dessas; mesmo ficando distante dela, e não cogito que ela pare de trabalhar no serviço dela pra me acompanhar isso é estúpido não funciona assim, ela não conseguiria nunca montar uma rede de contato e de clientes no lugar onde estou como o que tem aqui em São Paulo então seria um prejuízo muito grande profissional...” (Homem-Casal Cláisse e Leandro)

“Então a nossa relação sempre foi de bastante respeito, de planejamento junto de fazer as coisas juntos de participar na igreja juntos, sempre fui muito carinhosa, nunca a gente foi um casal dessa coisa assim de sexo a gente sempre foi muito calmo muito tranquilo. Acho que a gente casou até pra ter um pouquinho mais de privacidade porque tanto ele quanto eu nas nossas casas a gente não tinha muito direito de ter as nossas vidas, e acho que essa coisa de desde o namoro a gente sempre respeitar muito um ao outro o espaço de um e

de outro é o que favoreceu, e aí eu acho que assim o que modificou eu nem sei dizer eu acho que hoje a gente é bem mais companheiro do que antes, depende mais um do outro, quando se instala essa ideia de saber que você não vai ter filhos você sabe que é ele.... Mas a gente como é mais casa e mais privacidade acho que a gente se fechou mais se aproximou mais, mas não, tem uma dependência a gente sabe que tem uma dependência no cuidado, no fazer e tal, mas não é dependência que impeça cada um de ter sua vida, então é uma proximidade que leva ao cuidado um do outro, mas não que impeça cada um de ter sua vida, viajar fazer suas coisas, nada disso."

(Mulher – Casal Eliana e Roberto)

"Assim eu não considero, mas é o que eu falo se for comparar com o que a gente vê aí fora estamos muito bem obrigado." (Mulher- Casal Clarisse e Leandro)

Os casais se apoiam também nos momentos de perdas e de crises, mostrando um forte laço afetivo e de companheirismo entre eles. A relação conjugal apresenta uma flexibilidade e uma estabilidade capazes de suportar os momentos mais difíceis.

"...então foi um período nesse aspecto muito difícil por outro lado foi engracado porque eu acho que foi um período que a gente como casal se uniu bastante, a gente tem essa característica a gente se une muito na desgraça a gente se segura muito um no outro e eu acho que isso ajudou de uma certa forma a

estabilização do relacionamento; depois que passou tudo isso eu acho que a gente está num período mais tranquilo..."(Homem-Casal Ricardo e Leyla)

Podemos observar, a partir dos relatos dos casais, que a conjugalidade abrange o individual de cada um, estando eles cada vez mais unidos pelo afeto, com a individualidade muito presente. A conjugalidade deles é pautada numa aliança com intimidade e confiança mútua. Essa aliança existe apesar de suas diferenças.

Em Relação à Família de Origem

Os casais entrevistados apresentam um nível de diferenciação de ego (Bowen,1998), que lhes possibilitou viverem com maior clareza e liberdade as suas escolhas, tanto conjugais, como outras, sem sofrer interferência das famílias de origem. Apesar da expectativa de alguns pais de quererem ter netos, os casais conseguiram se colocar frente a essa expectativa com autonomia, sem culpa e sem se sentirem desmerecidos por isso.

"A minha mãe não sentiu e não cobrou, mas meu pai chorou, mas nunca cobrou para termos filhos". (Mulher- Casal Eliana e Roberto)

"Meus pais não falaram nada e nem cobraram o fato de não termos filhos."
(Homem- Casal Eliana e Roberto)

"Na família do meu lado pouco ou nenhum impacto. Em nenhum momento meus pais manifestaram algum descontentamento. Não era na verdade um assunto discutido". (Homem – Casal Cláisse e Leandro)

“Sem problemas ou questionamentos. Eles respeitaram a nossa decisão. Claro lamentando o fato, porém sem cobranças ou conversas a respeito”. (Mulher-Casal Clarisse e Leandro)

“Na verdade não sinto que teve impacto. Minha mãe queria muito ter netos, mas nunca disse isso de forma que eu me sentisse cobrada.” (Mulher- Casal Ricardo e Leyla)

“Meus pais não cobraram nada de nós. Apesar de quererem ter netos nunca disseram nada.” (Homem – Casal Ricardo e Leyla)

Um aspecto que chama a atenção, entre todos os casais entrevistados, é que eles acabaram ficando responsáveis pelo cuidado dos seus pais, financeira, instrumental e afetivamente, apesar de terem mais irmãos com quem poderiam dividir esse cuidado. Podemos pensar que isso acontece por terem uma disponibilidade maior de tempo, além de terem uma disponibilidade interna para o cuidado.

“Quando meus pais precisaram de ajuda na fase de velhice, doença, boa parte das obrigações ficaram comigo. Tanto financeiras como práticas... . Provavelmente por ter mais disponibilidade de tempo, dinheiro e trabalhar na área da saúde. Disponibilidade essa certamente por não ter filhos.” (Mulher – Casal Clarisse e Leandro)

“Eu sempre fui alguém que tinha que cuidar de alguém. Ou tinha que ajudar a mãe ou o pai.” (Mulher – Casal Eliana e Roberto)

“... quando eu penso em nós dois, eu acho que nós dois somos dois filhos parentais e aí nós tínhamos que cuidar da família. A minha mãe quando ficou com câncer ela morava com minha irmã no interior, mas vinha fazer o tratamento aqui, então, ficava em casa... , mas eu acho que a gente ficou um pouco cuidando da família...” (Mulher – Casal Ricardo e Leyla)

Podemos dizer que os casais entrevistados têm bons resultados na diferenciação do ego, pois vivem com maior clareza e liberdade as suas escolhas tanto conjugais como outras, sem sofrer interferência das famílias de origem. Desse modo, podemos considerar que, quanto mais desenvolvida em seu crescimento emocional estiver a pessoa, e quanto mais diferenciada estiver em relação à sua família de origem, mais fácil será fazer escolhas mais conscientes, mais autênticas e coerentes com suas características individuais.

A perda dos pais foi um impacto muito grande na vida dos casais entrevistados, como podemos ver nos relatos abaixo.

“porque realmente a E. ficou muito desequilibrada principalmente quando a mãe dela morreu isso foi, acho que ela perdeu o chão não sei explicar direito aí foi bastante complicado.” (Homem-Casal Eliana e Roberto)

“Esses últimos anos foram muitos difíceis porque a gente perdeu muita gente, primeiro minha mãe, minha sogra e meu sogro.” (Mulher-Casal Leyla e Ricardo)

“nós passamos depois dessa fase mais tarde passamos por um período muito difícil que foi o período das doenças dos pais que marcou bastante que foi um período bastante tenso porque eu acho que aí é uma coisa que não ter filhos é muito ruim porque aí você fica só com a visão da morte do lado de lá e você não tem o outro lado que são os filhos crescendo e que dão uma esperança na vida.” (Homem-Casal Leyla e Ricardo)

Podemos notar que a perda dos pais trouxe para esses casais sentimentos de desamparo, desesperança, solidão e vazio. Como eles relatam, a vivência da perda dos pais trouxe-lhes a noção de finitude e falta de continuidade pelo fato de não terem filhos. Podemos concluir que a perda dos pais foi muito difícil para esses casais, pois fez com que eles revivessem a perda do filho.

Em Relação ao movimento no Ciclo Vital

Quanto ao ciclo vital familiar, encontramos dois modelos que servem de referência para o nosso estudo: os estágios propostos por Carter & McGoldrick (1995), e o estudo brasileiro de Cerveny,(1997).

Carter & McGoldrick (1995) propõem seis estágios no ciclo vital da família. No primeiro estágio, os jovens precisam adquirir sua identidade de adulto. Para isso, precisam se discriminar e se afastar do núcleo familiar.

No segundo estágio, o novo casal irá promover a união de duas histórias diferentes, de dois diferentes sistemas familiares, o que vai gerar a necessidade de negociação sobre as novas regras que deverão ser estabelecidas para o convívio a dois, além das inúmeras adaptações exigidas pela nova vida. No terceiro estágio, com a chegada dos filhos e a constituição da nova família, o casal vai precisar negociar, com as famílias de origem, novas regras e padrões de relação. No quarto estágio, com os filhos adolescentes, novas negociações se fazem presentes, precisando mudar os padrões de autoridade e o relacionamento entre os subsistemas parental e filial. No quinto estágio, o casal vai ter que rever a sua relação conjugal e se adaptar à condição de um casal sem filhos. Além disso, necessita saber atender às novas demandas que um filho adulto traz, com a inclusão de novos membros na família. No sexto e último estágio, o casal vai lidar com questões como aposentadoria, a morte de um dos cônjuges, doenças. Essas questões trazem um desafio ao sistema familiar, no sentido de ser necessário buscar novas formas de interação com os outros subsistemas e um novo funcionamento no sistema atual.

Cerveny,(1997) divide o ciclo vital familiar nas seguintes fases:
A Família em fase de Aquisição, que inclui a escolha do parceiro, a formação de um novo casal, a chegada do primeiro filho e a vida com os filhos pequenos;
A Família em fase Adolescentes, em que por um lado os filhos experimentam a adolescência como período de transição, transformação e mudanças à idade adulta, e, por outro lado, os pais passam a rever sua própria adolescência e os aspectos que podem ser resgatados de uma juventude ainda presente dentro deles;

A Família em fase Madura, em que temos os filhos na fase adulta e seus pais também. Essa é a fase mais longa, com a saída dos filhos e a entrada de agregados e netos. Temos nessa fase o início de perdas e cuidados com a geração anterior, além do preparo para aposentadoria e o cuidado com o corpo pelo envelhecimento. Nesse momento a casa fica cheia, e não é o ninho vazio; A Família em fase Última, é a fase do envelhecimento como é vivido e planejado. Nessa fase o casal fica sozinho. A qualidade e as características dessa fase são uma consequência de como foram vividas as fases anteriores.

Tendo em vista essas duas teorias sobre o ciclo vital familiar, vemos que os casais sem filhos passam por alguns dos estágios propostos e não por outros. Eles atravessam a fase do enamoramento, da formação do casal, do casal sem filhos e a fase última do envelhecimento. Mas como essas teorias pressupõem a presença de filhos, e nós estamos trabalhando com casais sem filhos, precisamos ter o cuidado para levar esse fato em consideração nesta análise. Nas categorias discutidas anteriormente, apontamos alguns aspectos que podemos tomar com característicos dos casais sem filhos como: se desenvolverem profissionalmente; se perceberem como mais individualistas e egoístas; voltarem sua atenção para a conjugalidade, sendo muito companheiros; e o cuidado com os pais, que acabam ficando sob sua responsabilidade.

Os casais entrevistados fizeram a opção de não adotar filhos, por medo de não conseguirem cuidar deles, ou por medo de terem um filho com problemas mentais.

"No primeiro momento ficou meio assim, a gente não sabia o que fazer entendeu porque você planeja que vai ter filho, embora nunca foi uma coisa que pra nós fosse assim algo primordial, mas você planeja ter filhos aí de repente você não pode e você fala e agora? Aí vem aquela meio que uma obrigação entre aspas de adotar né porque as pessoas cobram a gente mesmo se cobra pela responsabilidade social, pela responsabilidade cristã, aí o que sempre apareceu na minha cabeça e que eu sempre falava pro R. era que assim eu não tinha vontade de parar de trabalhar eu gostava muito do que eu fazia, sempre gostei muito de trabalhar, sempre achei que fazia parte da minha missão aqui né tá trabalhando e aí eu falava, pai eu vou tirar uma criança de uma instituição para colocar noutra porque se eu trabalho vai ficar numa creche, aí um dia pode crescer e falar assim você me tirou de uma creche pra botar na outra, não, então eu achava que por responsabilidade eu não queria, e eu não queria deixar com meus pais, porque eu não gostava da criação que eu tinha tido, eu não gostava, achava meio violento, brigas, eles estavam sempre discutindo e meio teimosos e eu falei também não vou colocar uma criança aqui, não gostei pra mim, não gosto pro outro, então eu tinha que fazer a opção de deixar de trabalhar e cuidar, ou pegar alguma coisa mais tranquila e cuidar da criança e tal, mas eu também não sentia vontade de fazer isso, não sentia que era isso que eu tinha que fazer da minha vida e aí um dia a gente decidiu que, rezou muito, conversou muito, e aí chegou a conclusão assim, a gente prometeu aceitar os filhos que Deus mandasse se tiver que adotar ele vai achar um jeito de mandar, não precisa sair procurando, do mesmo jeito que ele achou que biológico não era pra ter né então tá vamos levar, aí a partir do momento

que a gente tomou essa decisão ficou tranquilo nunca foi uma cobrança.”

(Mulher- Casal Eliana e Roberto)

“mas também a gente nunca se entusiasmou seriamente com a idéia de adotar, eu acho da minha parte que essa idéia de adotar eu sempre tive muito medo porque como médico é uma merda ser médico você sempre sabe das coisas piores, aí seu pensamento vai sempre para as coisas piores eu conheço e sei que a prevalência de doenças mental entre adotados é muito alto, porque as crianças adotadas em geral são com bastante frequência filhos de pessoas que têm transtornos mentais, são pessoas que tiveram problemas ou que tem transtornos mentais.” (Homem-Casal Leyla e Ricardo)

Podemos observar, também, que eles fizeram essa opção por acharem que não seriam bons pais e por terem outros projetos de vida que não cuidar de um filho. Ou ainda podemos pensar que essa opção foi motivada pela dificuldade em lidar com as imperfeições de um filho.

Os casais entrevistados têm a crença de que, se tivessem filhos, estes poderiam cuidar deles como eles cuidaram dos seus pais.

“...e acho que essa coisa de desde o namoro a gente sempre respeitar muito um ao outro o espaço de um e de outro é o que favoreceu, e aí eu acho que assim o que modificou eu nem sei dizer eu acho que hoje a gente é bem mais companheiro do que antes, depende mais um do outro, quando se instala essa ideia de saber que você não vai ter filhos você sabe que é ele.” (Mulher- Casal Eliana e Roberto)

“eu vejo assim as pessoas que têm filhos se preocupam em se estabelecer pra poder dar uma segurança pro filhos, a gente se preocupa em dar uma segurança pra gente e então aí tem um pouco mais de liberdade pra fazer uma viagem, faz uma coisa ou outra a gente não precisa muito não tem muito essas amarras.” (Mulher- Casal Eliana e Roberto)

“...temos preocupação com a nossa velhice porque não temos filhos para nos ajudar se precisar, porque nós precisamos ajudar os pais dele e os meus pais também economicamente dando dinheiro pra terminar o mês.” (Mulher- Clarisse e Leandro)

Podemos perceber aqui uma contradição por eles vivenciada, pois, por um lado, resolvem não adotar ou optam por não ter filhos, por outro, apresentam o desejo que estes cuidem deles. Podemos dizer que eles partem da experiência deles como filhos que cuidaram dos seus pais, como se isso fosse o que sempre acontece. Mas vale ressaltar que eles, com a experiência vivida com o cuidado dos pais, passaram a ter essa preocupação. Assim, vemos que eles têm uma idealização do papel de filho.

Os casais entrevistados, por não terem filhos, apresentam uma preocupação de que eles terão que se auto-cuidarem.

“...o reconhecimento que você está envelhecendo e que você tem que se cuidar e se preparar pra sua velhice porque você não vai ter ninguém que olhe por você e pra mim eu tomei consciência disso quando exatamente meus pais começaram a envelhecer e eu tive que cuidar deles, e daí eu falei bom, e quem cuidará de mim, e quem cuidará do R. ?” (Mulher- Casal-Eliana e Roberto)

“A maior preocupação é que a gente tem que dar conta da gente mesmo. Na doença e na velhice a gente tem que cuidar um do outro. Agora uma preocupação que natural que a gente tem é aquela quando ficar velho como que vai ser a velhice como que vai conseguir esse amparo, tem que confiar em Deus.”(Mulher-Casal Eliana e Roberto)

“Eu nunca me preocupei com isso, mas ultimamente eu estou começando a pensar um pouco nisso quem cuidaria, eu acho que a gente vai cuidar um do outro enquanto der agora se nós dois tivermos Alzheimer deus vai cuidar eu to chegando essa conclusão.” (Mulher-Casal Leyla e Ricardo)

“mas aí quando a gente decidiu que não que ia esperar, então essa necessidade também já não, a necessidade aí passou a ser você ter uma poupança pra poder se dar conta de você mesmo na velhice entendeu porque aí de repente vem essa coisa, não é mais preparar pra família mas é preparar pra você mesma poder se cuidar porque é você que tem que se cuidar até o fim, então eu acho que isso mudou.” (Mulher – Casal Eliana e Roberto)

Podemos observar pelos relatos acima que os casais sem filhos acabam se preparando e se planejando para o futuro. Como não têm filhos, a possibilidade que eles enxergam é se preparar financeiramente para poderem cuidar um do outro na velhice.

“eu sou funcionário público e ganho um tantinho de nada então não vivo disso eu vivo do meu trabalho como profissional liberal então se eu cair doente acabou então eu tenho essa preocupação por isso eu me preocupo em tentar economizar e isso acaba sendo uma fonte de atrito porque eu sempre estou enxergando lá na frente de uma maneira saudável e também neurótica porque eu sei que às vezes eu fico meio neurótico com essas coisas.” (Homem-Casal Ricardo e Leyla)

“mas aí por conta que nós somos muito organizados financeiramente, não temos dívidas nunca tivemos assim, nunca, a gente não gasta mais do que pode não somos consumistas... então dinheiro super aplicado assim ele tem toda uma previsão até uma idade provável da gente morrer que o dinheiro dê até lá, mesmo assim vai sobrar nosso pequeno patrimônio para os sobrinhos que vai sobrar casa... nós temos a preocupação de conseguir ter dinheiro até pagar nossos últimos dias de asilos e cuidadores umas coisas assim...”.

(Mulher-Casal Clarisse e Leandro)

“...até agora não fez falta, não sei se no futuro fará, uma preocupação que eu tenho é justamente com o futuro vendo a história dos meus pais e dos pais dela que dependeram muito dos filhos nos últimos anos porque não se prepararam e ao invés disso eu tento me preparar, tento guardar dinheiro tento imaginar, formular planos ou testar hipóteses pra saber como que será o nosso futuro sem filhos também, particularmente acho perfeitamente possível, não tenho nenhuma dúvida de que é possível ter um final de vida assim, morte de um dos cônjuges sem filho apoiando, talvez seja esquisito talvez seja ruim não sei, mas

não é uma questão que me preocupa tanto o fato de não ter um apoio do filho.” (Homem-Casal Clarisse e Leandro)

“A preocupação temos os meios, dinheiros guardados suficientes para não dependermos de ninguém, podemos tomar até bastante longe as decisões nós mesmos, a respeito dos nossos destinos...”. (Homem-Casal Clarisse e Leandro)

Para lidarem com a velhice os casais entrevistados se preocupam em ter uma autonomia financeira para terem no futuro possibilidade de se cuidarem ou ter alguém que cuide deles. Todos eles tiveram pais que necessitaram do cuidado deles. Frente a isso, eles se preparam para poderem ter uma velhice sem problemas financeiros e poderem ter dignidade no envelhecer e não dependerem de ninguém.

Quanto aos legados, temos na literatura que a lealdade familiar está baseada, principalmente, no parentesco biológico – hereditário; a continuidade emocional e biológica de uma geração para a outra forma a identidade familiar, o legado familiar e os mitos familiares. O casal sem filhos não tem para quem transmitir seus legados, havendo, assim, uma interrupção dessa cadeia. Além disso, o fato de não terem filhos pode evitar uma mudança da lealdade para com a família de origem, para a nova família. Desse modo, as famílias podem permanecer fundidas e o casal pode não crescer e ficar estacionado no seu desenvolvimento.

“fizemos coisas surpreendentes e que tem história pra nossa velhice, não temos netos mas alguém vai ter que escutar isso porque são histórias muito boas, de cavernas, montanha, de passeios e acontecimentos, então isso enriqueceu muito a vida...” (Homem – Casal Clarisse e Leandro)

“Eu fico pensando nunca nem falei pra ela, bem vou deixar pra um sobrinho que é meu afilhado, alguma coisa assim, fazer um testamento, assim mais aberto do que o natural.” (Homem-Casal Eliana e Roberto)

Podemos perceber, nos relatos dos homens, uma preocupação com para quem deixar os legados familiares, como para os sobrinhos ou outros que possam ser escolhidos, contradizendo o que vemos na teoria de que os legados ficam interrompidos. Através dos sobrinhos, ou outros, poderiam desfrutar da sensação de perpetuidade, pois, depois deles, haveria alguém que continuaria vivendo, transmitindo o seu legado pessoal e familiar. No relato das mulheres essa preocupação não apareceu, o que pode nos fazer pensar que os homens se preocupam com perpetuação de sua história e a transmissão das experiências e dos legados mais do que as mulheres.

Para finalizar, consideramos que são necessários maiores estudos nessa área de modo a mapear, com maior precisão, o ciclo vital dos casais sem filhos.

Considerações Finais

Nosso objetivo principal nesta tese foi o de compreender as repercussões da ausência de filhos na relação conjugal. Para fazermos essa reflexão, havia muitos caminhos a serem seguidos. Nós escolhemos trabalhar dentro da teoria sistêmica.

Como estamos trabalhando com o referencial da teoria sistêmica, levamos em consideração o casal sem filhos e não apenas o indivíduo, na medida em que acreditamos que os membros do casal lidam com os seus problemas de maneira interrelacionada. Existem as dores individuais mas, na medida em que os casais podem enxergar os problemas de modo interrelacionado, eles o percebem de uma maneira diferente, como ambos sendo responsáveis por essas vivências, deixando de lado a tentativa de culpar ou responsabilizar um ao outro. Pudemos perceber que os casais entrevistados vivem o não ter filhos dessa maneira, mesmo que, às vezes, a impossibilidade fisiológica de gerar esteja com um dos membros do casal ou que a opção seja de um deles. Vimos que os casais funcionam de maneira complementar, uma vez que um apoia o outro na sua dificuldade e na sua opção.

Os casais entrevistados, por não ter filhos, estão vivendo uma situação que demanda esforço e novos arranjos para dar conta das novas necessidades que levam a uma reorganização da sua relação.

Carter (1995) diz que os pais são importantes para os filhos, mas os filhos também o são para o casal. Esses casais, por não terem os filhos, devem buscar esse desejo de crescimento e desenvolvimento dentro deles e dentro da sua conjugalidade. Isto foi o que observamos nesses casais.

As teorias de ciclo vital familiar propõem os estágios pelos quais passam o casal sempre com a presença dos filhos. Nessas teorias, o ter filhos é considerado um evento central. A transição para a paternidade e a maternidade é uma transição chave no ciclo de vida familiar normativo e para a transição do casal para o mundo adulto, na medida em que o filho é visto como uma possibilidade de crescimento e desenvolvimento do casal. Percebemos que os casais entrevistados se desenvolveram e cresceram nas suas vidas pessoais mesmo não tendo filhos.

Como dissemos no início desta tese, a família tradicional, composta por pai, mãe e filhos, está cedendo lugar a novas outras configurações que, no nosso caso, é a do casal sem filhos.

Pudemos compreender, através desta tese, que a relação conjugal tem uma funcionalidade capaz de dar conta de situações como desemprego e mudança de área de trabalho, sem trazer prejuízos para a relação. Esses casais apresentam uma relação satisfatória e prazerosa, vivendo juntos há muitos anos.

Os terapeutas de casal e família devem estar preparados para lidar com essa nova configuração familiar, sem ter idéias pré-concebidas de que se eles não têm filhos podem estar insatisfeitos com a relação ou estarem vivendo um luto que não os deixa se desenvolverem. Ao contrário, o fato de não terem filhos deixou-os mais livres para trabalharem a sua individualidade, para fazerem as suas escolhas, tendo uma autonomia maior para se dedicarem a outros projetos de vida, como a carreira e o relacionamento.

A conjugalidade se desenvolveu de maneira funcional, de forma a acomodar o alto nível de individualidade, principalmente no que se refere ao desenvolvimento profissional.

Quanto aos eventos que redundaram na impossibilidade de ter filhos, tanto os homens como as mulheres se sentiram frustrados, mas isso não os impossibilitou de se desenvolverem e crescerem tanto socialmente, quanto profissionalmente. Eles aceitaram essa condição e se dedicaram a outros projetos de vida e à própria relação entre eles. Nesta tese notamos que duas das mulheres que expressaram o desejo de ter filhos estavam ambivalentes em relação a esse desejo, exibindo sentimentos conflituosos e contraditórios. Isto porque, se por um lado os filhos lhes trariam satisfação, por outro lado eles acarretariam a renúncia a alguns aspectos de sua vida, como a carreira. No entanto, esse foi um tema pouco discutido entre os casais. Tanto a ambivalência das mulheres como o fato de se mostrarem silenciosos frente à problemática de não ter filhos, apareceram na minha dissertação de mestrado e se confirmaram neste trabalho.

Os terapeutas de casal e família não podem considerar a questão do não ter filhos como um desvio a ser corrigido, e sim, devem atuar no sentido de abrir-lhes possibilidades, abrindo-lhes a oportunidade de darem um salto qualitativo e experienciarem uma nova maneira de funcionarem sem filhos.

O desenvolvimento profissional nesses casais teve uma importância grande, pois foi um meio deles adquirirem um valor social, na medida em que vivemos numa sociedade em que a formação da família e o ter filhos é bastante valorizada.

Por outro lado, podemos pensar, a partir das entrevistas feitas, que o desenvolvimento profissional era o maior desejo desses casais e o fato de não terem tido filhos biológicos e o fato de não terem adotado uma criança favoreceram, ainda mais, esse desenvolvimento.

Os terapeutas de casal e família também devem estar atentos ao como esses casais desenvolvem o cuidar. Eles cuidaram dos seus pais, cuidam dos sobrinhos e, na sua vida profissional, cuidam dos pacientes e de seus alunos. Isto quer dizer que têm uma disponibilidade interna para o cuidado, só que o exercem de outra maneira.

Os casais entrevistados se apoiam também nos momentos de perdas e de crises, mostrando um forte laço afetivo e de companheirismo entre eles. A relação conjugal apresenta uma **flexibilidade e uma estabilidade capazes de suportar os momentos difíceis**.

Eles planejam a vida em conjunto e se apoiam mutuamente nas mudanças que fizeram, especialmente as profissionais. Eles respeitam a carreira um do outro, mesmo que isso traga um ônus para a relação conjugal, que no caso de um dos casais é o distanciamento, pois cada um vive numa cidade diferente.

Os casais, muitas vezes, se consideram egoístas e individualistas. Esse é outro aspecto importante para os terapeutas de casal e família estarem atentos, pois esses casais têm muito respeito pela individualidade de cada um deles, sem que esta afete a conjugalidade, pois a conjugalidade deles abarca o individual de cada um.

Os terapeutas de casal e família que trabalharem com os casais sem filhos na idade em que esses casais entrevistados estão, na faixa entre 46 a 56 anos, necessitam estar atentos à preocupação que eles expressam com o envelhecimento, pois como não têm filhos, preocupam-se com quem vai cuidar deles. Para isso eles trabalham para ter uma autonomia financeira para garantirem no futuro possibilidade de se cuidarem ou ter alguém que cuide deles. Eles têm a percepção de que precisam se organizar para cuidarem um do outro. Os terapeutas precisam ajudá-los a enfrentar o envelhecimento com dignidade e sabedoria.

Para finalizar, consideramos que são necessários maiores estudos nessa área de modo a mapear, com maior precisão, o ciclo vital dos casais sem filhos.

Esperamos que esse trabalho desperte o interesse dos seus leitores e de outros pesquisadores para esse tema. Desejamos ter trazido uma contribuição importante, na medida em que existe pouca literatura a esse respeito.

Esta experiência nos foi muito rica e valiosa. E, com toda a certeza, esses casais entrevistados deixaram o seu legado para que nós pesquisadores possamos crescer e nos desenvolver enquanto indivíduos e casais.

Bibliografia

ACKERMAN, N.. *Diagnóstico e tratamiento de las relaciones familiares.*

Buenos Aires, Hormé, 1974.

ALVARENGA, L. L. de. *Na Escuta do Laço Conjugal : uma proposta de um novo modelo teórico-clínico.* Rio de Janeiro: UAPÊ, 1966.

ANDOLFI, M. et alii (Org.). *O Casal em Crise.* São Paulo, Summus, 1995.

ANTON, I.L.C.. *A Escolha do Cônjugue: Um entendimento sistêmico e psicodinâmico.* Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 2000.

ARIÈS, P.. *A História Social da Criança e da Família.* Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

BARDIN, L.. *Análise de Conteúdo.* Lisboa, Edições 70, 1979.

BERENSTEIN, I.. *Família e Doença Mental.* São Paulo, Editora Escuta, 1988.

BERTHOUD, C.M.E.. “Re-significando a Parentalidade” – Desafio para Toda uma Vida. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

BORSZORMENYI - NAGY, I., SPARKS, G.. *Lealtades Invisibles.* Buenos Aires, Amorrortu Editores, 2008.

BOWEN, M.. *La Diferenciación Del Sí Mismo em el Sistema Familiar.* Buenos Aires, Paidós, 1998.

BRADT, J. O .. Tornando-se Pais : Famílias com Filhos Pequenos. In : McGOLDRICK, M., CARTER, B. & Colaboradores. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre, Artes Médicas,1995.

CAILLÉ, P.. *Um e Um são Três: O casal se auto-revela*. São Paulo, Summus,1994.

CALLAN,V.J.,HENNESSY, J.F.. *The Psychological Adjustment of Women Experiencing Infertility*. British Journal of Medical Psychology. 61 (pt2):137 140, Jun, 1988.

CALIL, V.L.L.. *Terapia Familiar e de Casal : introdução às abordagens sistêmica e psicanalítica*. São Paulo, Summus, 1987.

CAPLAN, G.. Emotional Crises. In : DEUTSH, A ., FISHBEIN, H.. *The Encyclopaedia of Mental Health*, vol. 2, Franklin Watts, New York, 1963.

CARTER, B., McGOLDRICK, M. & Colaboradores. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar : uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

CERVENY, C.M. de O. e BERTHOUD,C.M.E. e colaboradores. *Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1997.

COSTA, G. P. , KATZ, G. e colaboradores. *Dinâmica das Relações Conjugais*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

CROSBIE-BURNETT. Remarriage and recoupling. Em Mckeny,P.C.& Price, S.J.. *Families and Change*.Londres,Sage Publications, 23-37,1994.

DENZIN,N.K., LINCOLN, Y.S..Entering the Field of Qualitative Research. In: *Handbook of Qualitative Research*. United States, Sage Publications, 2000.

DUVALL, E.. *Family Development*, Filadelfia, Lippincott, 1957.

FALICOV, C. J.(Org).*Transiciones de la Familia: Continuidad y cambio en el ciclo de vida*. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1991.

FÉRES-CARNEIRO, T.. *Casamento Contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade*. Psicología: Reflexão e Crítica. 11(2): 1-11, 1998.

FÉRES-CARNEIRO, T., MAGALHÃES, A.S.. *A Conjugalidade na série identificatória: Experiência amorosa e recriação do eu*. Pulsional – Revista de Psicanálise. Ano XVI, n.176, dezembro, p.41-50, 2003.

FÉRES-CARNEIRO, T., PONCIANO, E.L.T., MAGALHÃES, A.S.. Família e Casal: da tradição à modernidade. In: CERVENY, C.M. de O. (Org.). *Família em Movimento*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.

FLANDRIN, J.L.. A Vida Sexual dos Casados na Sociedade Antiga. In: *Sexualidades Ocidentais*. (p. 111-128). São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

GIDDENS, A. . *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOMES, I.C., RIOS, M.G.. *Casamento Contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos*. Estudos de Psicologia. Campinas, 26 (2), 215-225, abril-junho 2009.

HANSEN,D., JOHNSON, V.. Rethinking family stress theory: Definitional aspects. In: W. Burr, R. Hill, F. Nye e I. Reiss, *Contemporary theories about the family*, vol.1. Research based theories, New York, Free Press, 1971.

HEILBORN, M.L.. O Que Faz um Casal, Casal ? Conjugalidade, igualitarismo e identidade sexual em camadas médias urbanas. In : RIBEIRO, I.,

RIBEIRO, A . C. (Org.). *Família em Processos Contemporâneos : Inovações culturais na sociedade brasileira.* São Paulo, Edições Loyola,1995.

HETHERINGTON, E.M., KELLY, J.. *For Better or for Worse: divorce reconsidered.* W.W. Norton, 2003.

HINTZ, H.C.. Dinâmica da Interação de Casal. In: *Pensando Famílias.* Centro de Terapia de Casal e Família. Porto Alegre, Domus, ano 1, n.1, p.31-40, agosto de 1999.

HOFFMAN, L.. *Fundamentos de la Terapia Familiar. Un marco conceptual para el cambio de sistemas.* México, Fondo de Cultura Económica, 1992.

IMBER - BLACK, I. e colaboradores. *Os Segredos na Família e na Terapia Familiar.* Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

KASLOW,F. & ROBINSON, J.A.. *Long-term satisfying marriages: perceptions of contributing factors.* The American Journal of Family Therapy, 24(2): 153170.

McDANIEL, S.H. et alii . *Terapia Familiar Médica : um enfoque biopsicossocial às famílias com problemas de saúde.* Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

McGOLDRICK, M.. A União das Famílias Através do Casamento : O Novo Casal. In : McGOLDRICK, M., CARTER, B. & Colaboradores.

As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar : uma estrutura para a terapia familiar. PortoAlegre, Artes Médicas, 1995.

MEDERER,H., HILL,R.. Critical transitions over the family life span: Theory and research. In: H. McCubbin, M. Sussman, J. Patterson, *Social stress and the family: Advances and developments in family stress theory and research*, New York, Haworth, 1983.

MELO, C.M. da S.. *A Conjugalidade na Fase Madura do Ciclo Vital Familiar sob a Perspectiva Masculina*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

MENNING, E.. *Infertility: A guide for the childless couple*. New York, Prentice Hall, 1988.

MINUCHIN, S.. *Famílias : funcionamento & tratamento*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

_____ & NICHOLS, M. P.. *A Cura da Família*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

MORIN, E.. *O Método I : A natureza da natureza*. Portugal, Publicações Europa América, 1977.

MUNHÓZ, M.L.P.. *Implicações das Famílias de Origem na Formação do Casal: Modelos e padrões*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.

NORGREN, M. de B. P.. “Para o que der e vier?” *Estudo sobre Casamentos de Longa Duração*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

PAPP, P.. *Casais em Perigo: Novas diretrizes para terapeutas*. Porto Alegre, Artmed Editora, 2002.

PLUMMER, K.. *Documents of life 2: an invitation to a critical humanism*. London: Sage Publications, 2001.

POSTER, M.. *Teoria Crítica da Família*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

PRADO, L.C. (Org.). *Famílias e Terapeutas : construindo caminhos*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

ROJAS, M.C., STERNBACH, S.. *Entre dos Siglos. Una Lectura Psicoanalítica de la Posmodernidad*. Buenos Aires, Lugar Editorial, 1994.

ROSSET, S.M. (Org.). *Relações de Casal: Tempo, mudança e práticas terapêuticas*. Curitiba, Sol, 2005.

SALOMÉ, J.. *A (In) Comunicação do Amor no Casamento*. Petrópolis, Vozes, 1992.

SATIR, V.. *Terapia do Grupo Familiar*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1988.

_____. *Nuevas Relaciones Humanas en el Nucleo Familiar*. México, Editorial Pax México, 1991.

SCARF, M.. *Casais Íntimos: Convivência, casamento, afetividade*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990.

SCHERZ, F. H.. *Maturacional crisis and parent-child interaction*. Social Casework, 52, 1971.

STRAUSS, A., CORBIN, J.. *Basics of Qualitative Research- Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory*. United States, Sage Publications, 1998.

VAILATI, N. . *Casais Sem Filhos: A fertilidade frente à infertilidade*. Dissertação de Mestrado. Universidade São Marcos, 2001.

VASCONCELLOS, Maria José E. de . *Terapia Familiar Sistêmica : bases cibernéticas*. Campinas, Editorial Psy, 1995.

WATZLAWISK,P.,BEAVIN, J.H. & JACKSON, D.. *Pragmática da Comunicação Humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo, Editora Cultrix Ltda., 1973.

YIN, M. L. Y.. *Aspectos Psicológicos de Esterilidade Feminina*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1987.

Anexos

Linhos do Tempo dos Casais

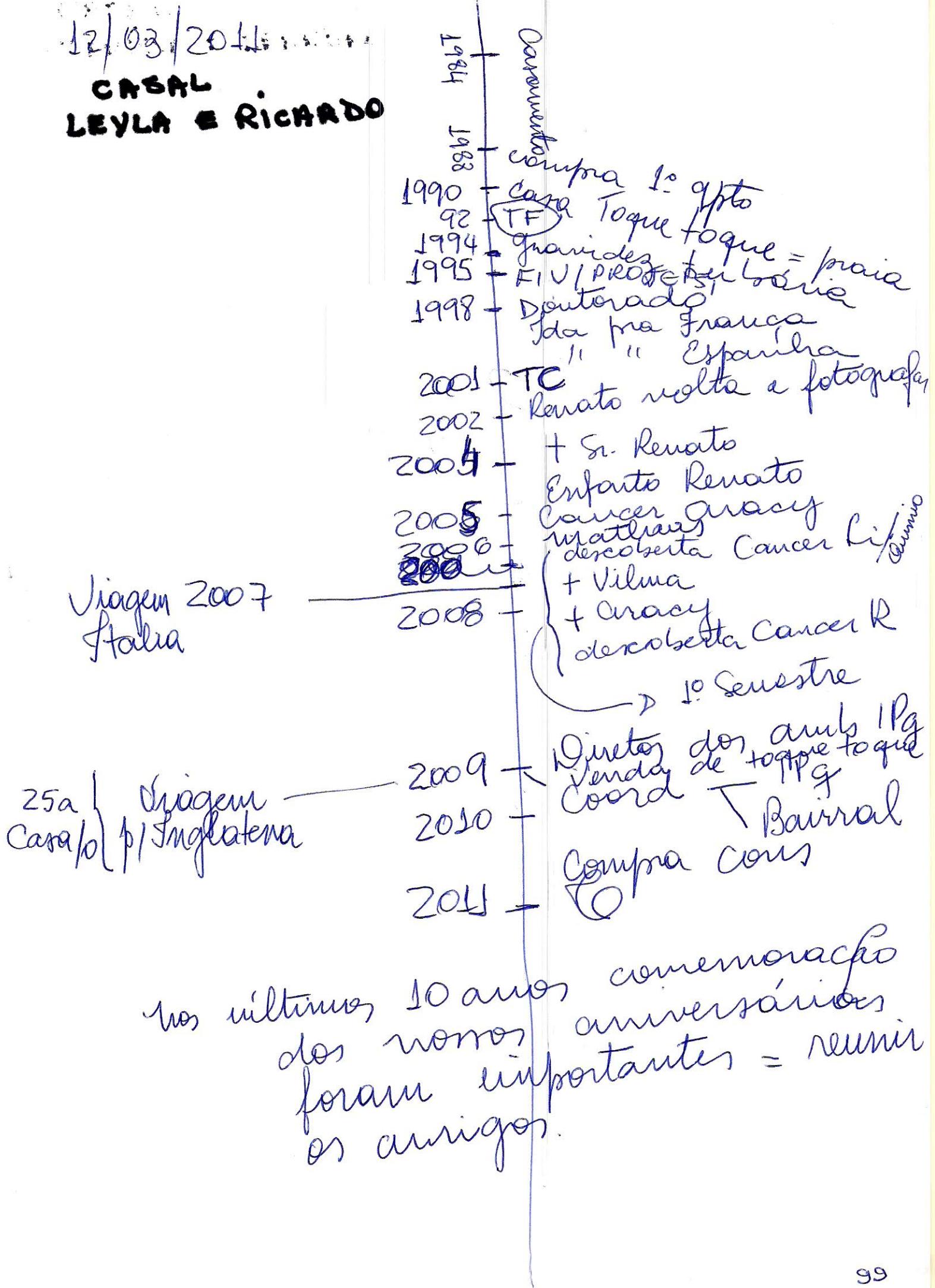
CASAL CLARISSE E LEANDRO

Final de 1993

- 1987 - INÍCIO DA REFORMA DO NAMORO
- * 1988 - INÍCIOS REFORMAS DA CASA DE CLEO.
- 1989 - MUDANÇA NO ATENDIMENTO: DE HOSPITALAR PARA CONSULTÓRIO
- 1991 - CASAMENTO "DE FATO": MORANDO JUNTOS.
Misteriosa queda Cleo na Grand Vila em internacion
- 1993 - falecimento pai da Cleo
- 1994 - COMO RESULTADO DO EFORO
DE ADEPERGAGEM PROFISSIONAL:
- MUDANÇA DE CATEGORIA NO EMPREGO
DO LUIZ;
- MUDANÇA DO ATENDIMENTO DA
CLEO DE HOSPITALAR PARA
CONSULTÓRIO
- 1998 - MUDANÇA PARA APARTAMENTO.
- 2001 - MUDANÇA P/ GRANJA VIANNA
- 2003 - falecimento pai do Luiz
- 2005 - falecimento das duas mães
- 2006 - morou p/ CASA PERTHAIS STUCK
- fev 2006 - final do trabalho em Júlio
- jun 2006 - inicio do trabalho atual do Luiz.
- 2007 - Cleo monta consult. na Granja
- 2010 - Cleo desmonta consult. na Granja.
- aprox. 2020 - aposent. do Luiz
Cleo não para de trabalhar
~~até que~~ alegre
gostoso conseguir.

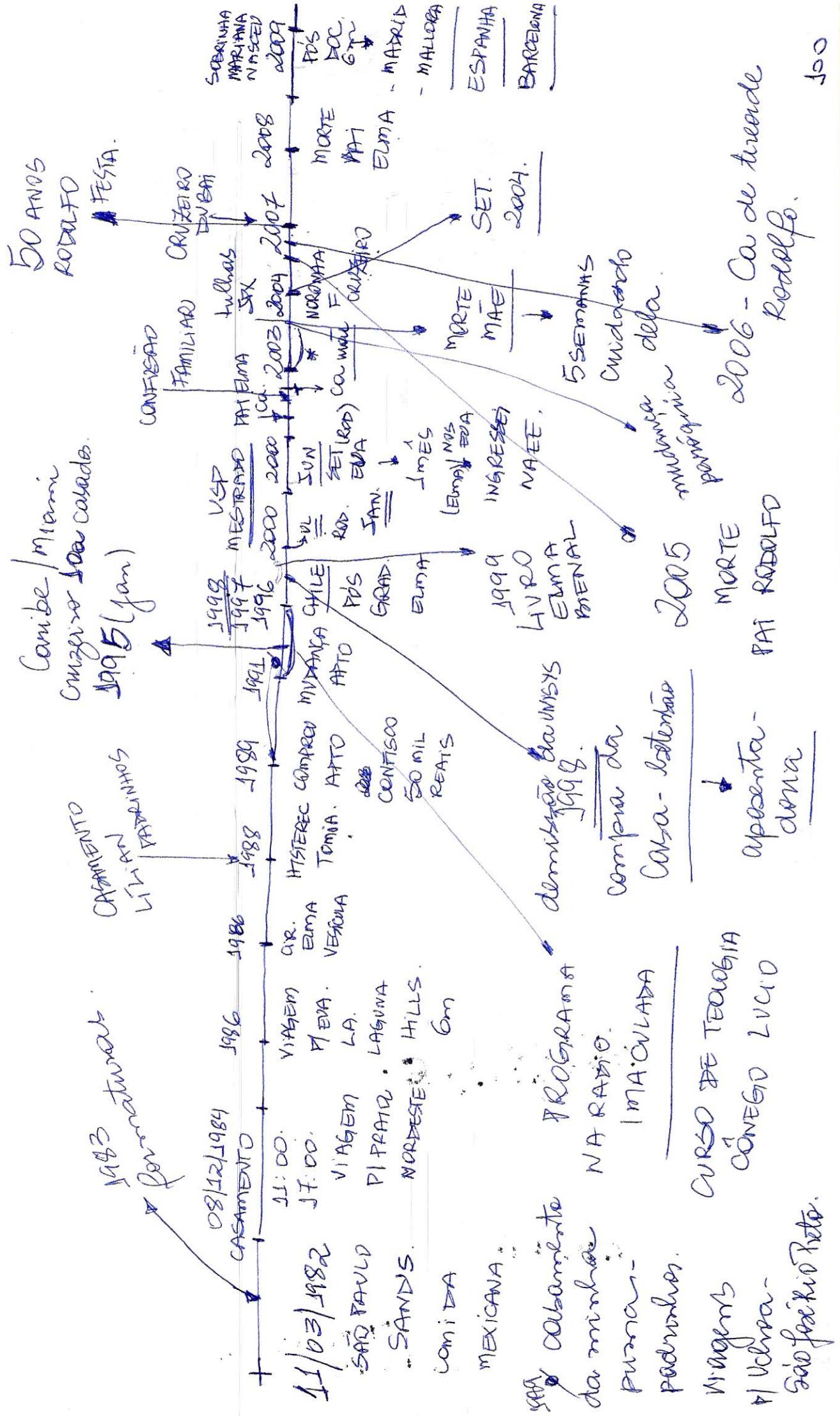
12/03/2011

CASAL
LEYLA & RICARDO



CASAL
ELIANA E PARCETO

② Compra de una sala
comercial -





101